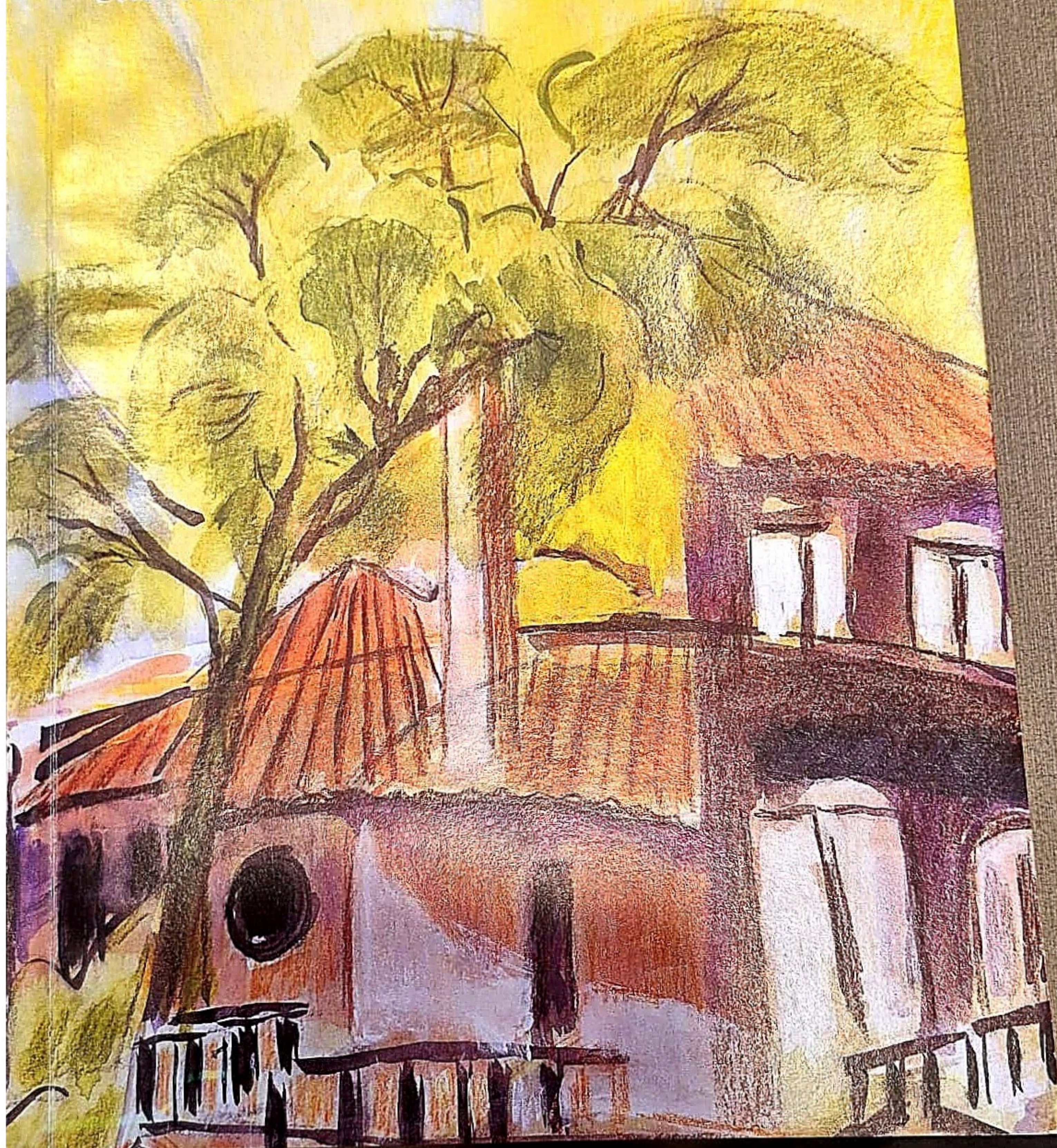


Izabel de Freitas Sacco

Escola Waldorf

VALE ENCANTADO

sua história e sua abrangência social





Izabel de Freitas Sacco nasceu em 1938 e desde adolescente mostrou sua inclinação pelo cuidado com o ser humano. Graduou-se em enfermagem em 1959, pela Escola de Enfermagem de São Paulo-USP. Iniciou sua carreira profissional na Capital, como enfermeira-chefe do antigo Hospital da Guarda Civil e professora do Curso de Auxiliar de Enfermagem da Escola de Enfermagem Lauriston Job Lane, do Hospital Samaritano. Paralelamente, desenvolvia seu interesse ativo pelo social, como voluntária da Casa Transitória da FEESP e Aldeias SOS.

Obrigado por baixar este livro!

Esperamos que esta leitura inspire reflexões, desperte novos olhares e deixe uma contribuição significativa para sua vida, assim como tem transformado a vida de tantas pessoas ao longo dos anos.

Se este livro foi importante para você, gostaríamos de convidá-lo a transformar sua gratidão em esperança para outras pessoas.

O CREAM é uma organização sem fins lucrativos que atua na educação e no desenvolvimento de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Cada contribuição ajuda a manter esse trabalho, oferecendo oportunidades, acolhimento e um futuro melhor para quem mais precisa.

Como você recebeu este livro gratuitamente, se sentir que ele agregou valor à sua vida, considere fazer uma doação espontânea ao CREAM. Não importa o valor: toda contribuição faz diferença e ajuda a manter esse projeto vivo.

Dados para doação:

PIX (CNPJ): 00.956.660/0001-40

Banco do Brasil

Agência: 0840-0

Conta Corrente: 28.270-7

Sua generosidade permitirá que esta corrente de conhecimento, amor e transformação continue alcançando muitas outras vidas.

Muito obrigado por sua leitura e por fazer parte desta missão.

Izabel de Freitas Sacco

Escola Waldorf

VALE ENCANTADO

sua história e sua abrangência social

Patrocínio Cultural



Votorantim

Celulose e Papel

Impresso em papel Off Set 75g

e capa em papel Couche Brilho



Digitalizada com CamScanner

Escola Waldorf

VALE ENCANTADO

sua história e sua abrangência social

1ª edição: fevereiro de 2005

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sacco, Izabel de Freitas

Escola Waldorf : Vale Encantado : sua história
e sua abrangência social / Izabel de Freitas
Sacco. - Capão Bonito, SP : Ed. do Autor, 2005.

Patrocínio: Votorantim | Celulose e Papel
Bibliografia.

1. Escola Waldorf de Capão Bonito (SP) -
História 2. Método Waldorf de Educação
3. Pedagogia 4. Vale Encantado (Escola) -
Capão Bonito (SP) - História I. Título.

05-0007

CDD-371.3906081612

Índice para catálogo sistemático:

1. Escola Waldorf de Capão Bonito : São Paulo :
Estado : História 371.3906081612
2. Escola Waldorf : Vale Encantado :
Capão Bonito : São Paulo : Estado : História
371.3906081612

Ilustração da capa: Irene Meckien

Diagramação: Leonardo Thienne Grotta

Impressão: Villimpress Complexo Gráfico

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Deus, que me concedeu esta oportunidade de trabalho e muitas bênçãos para a realização desta obra.

Agradeço à minha família pelo apoio unânime às minhas ideias, dando recursos financeiros, conhecimento, esforço pessoal e tempo, com muita criatividade e beleza.

Agradeço à Profª. Nereida pelo seu permanente comprometimento à Escola.

Agradeço à minha filha Denise, que se comprometeu a fazer com esta ideia, ampliando-a e ampliando seus limites, com o

"O importante não é a perfeição com a qual conseguimos realizar o que deve provir da vontade e sim, que o que tiver de surgir nesta vida, por mais imperfeito que venha parecer, seja feito uma vez, para que haja um começo."

RUDOLF STEINER

Agradeço a todos os Professores que compõem o corpo docente, que se empenham com sua missão de ensinar, que educam com o comprometimento de seus papéis, conscientes de que a qualidade da escola se faz com a formação de cada um deles.

Agradeço ao Corpo Docente, com quem sempre

Agradeço aos Funcionários de todos os setores que, com sua dedicação e empenho, muitas vezes anônimo, provêm para que a escola mantenha sua qualidade.

Isabel de Freitas Sá

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Deus, que me concedeu oportunidades de trabalho e muitas circunstâncias favoráveis.

Agradeço à minha família pelo apoio unânime às minhas metas, doando recursos financeiros, conhecimento, esforço pessoal e tempo, com muita criatividade e beleza.

Agradeço à Profa. Natércia pelo seu permanente devotamento à Escola.

Agradeço à minha filha Denise, que se comprometeu a levar adiante esta idéia, aprimorando-a e ampliando seus limites, com galhardia, coragem e competência.

Agradeço a todos os Papais e Mamães, que acreditaram em nós e nos deram seu imprescindível e valioso apoio.

Agradeço aos Amigos da Escola que, com desprendimento, têm contribuído decisivamente para a sua sobrevivência.

Agradeço a todos os Professores que compõem o corpo docente, que se empolgam com sua missão de ensinar, que vibram com o aproveitamento de seus pupilos, conscientes de que a grandeza da escola se faz com a soma da formação de cada um deles.

Agradeço ao Corpo Discente, com quem sempre aprendemos.

Agradeço aos Funcionários de todos os setores que, com seu trabalho de retaguarda e muitas vezes anônimo, provêm para que a vida escolar transcorra ininterrupta.

Izabel de Freitas Sacco

Agradecimento Especial

ÍNDICE

Em nome da Vale Encantado Associados, deixo registrada aqui nossa mais profunda gratidão à VOTORANTIM CELULOSE E PAPEL, pelo gesto de assumir a publicação deste livro.

Nesta esmerada edição, cada página é testemunha do "papel" relevante desempenhado por essa empresa no âmbito sociocultural, ao acolher nossa iniciativa em suas metas.

Izabel de Freitas Sacco

Primeira Parte

A história do Vale Encantado

13

Segunda Parte

Abrangência social

71

Encerramento

87

ÍNDICE

Caro leitor,

Apresentação **11**

A obra, que está agora em suas mãos, é o fruto de estudos, vivências e trabalho árduo que vem sendo desenvolvido há 30 anos. É um livro otimista, pois, sua essência é o amor pelo SER HUMANO e a crença de que é possível viver em mundo melhor.

Primeira Parte

A história do Vale Encantado **13**

Pouso, 1990, afirma que lhe é oferecida a prova de que ALCO pode ser melhor. Um trabalho honesto, prático, que estabelece um melhor campo para as relações humanas. Sua leitura será de grande inspiração a todos aqueles que desejam para nossas crianças e adolescentes, um futuro digno e feliz. A autora é uma pessoa que "vive" os princípios da

Segunda Parte

Abrangência social **71**

YARA MARTINS DE OLIVEIRA SIMÕES DE FREITAS

Encerramento **87**

P. Apresentação / 0

Caro leitor,

a obra, que está agora em suas mãos, é o fruto de estudos, vivências e trabalho árduo que vem sendo desenvolvido há 30 anos. É um livro otimista, pois, sua essência é o amor pelo SER HUMANO e a crença de que é possível viver um mundo melhor. Posso, sem receio de erro, afirmar que lhe é oferecida a prova de que ALGO pode ser feito. Em suma, é um trabalho honesto, prático, que estabelece um melhor campo para as relações humanas. Sua leitura será de grande inspiração a todos aqueles que desejam para nossas crianças e adolescentes, um futuro digno e feliz. A autora é uma pessoa que "vive" os princípios da Pedagogia Waldorf.

YARA MARTINS DE OLIVEIRA SIMÕES DE FREITAS

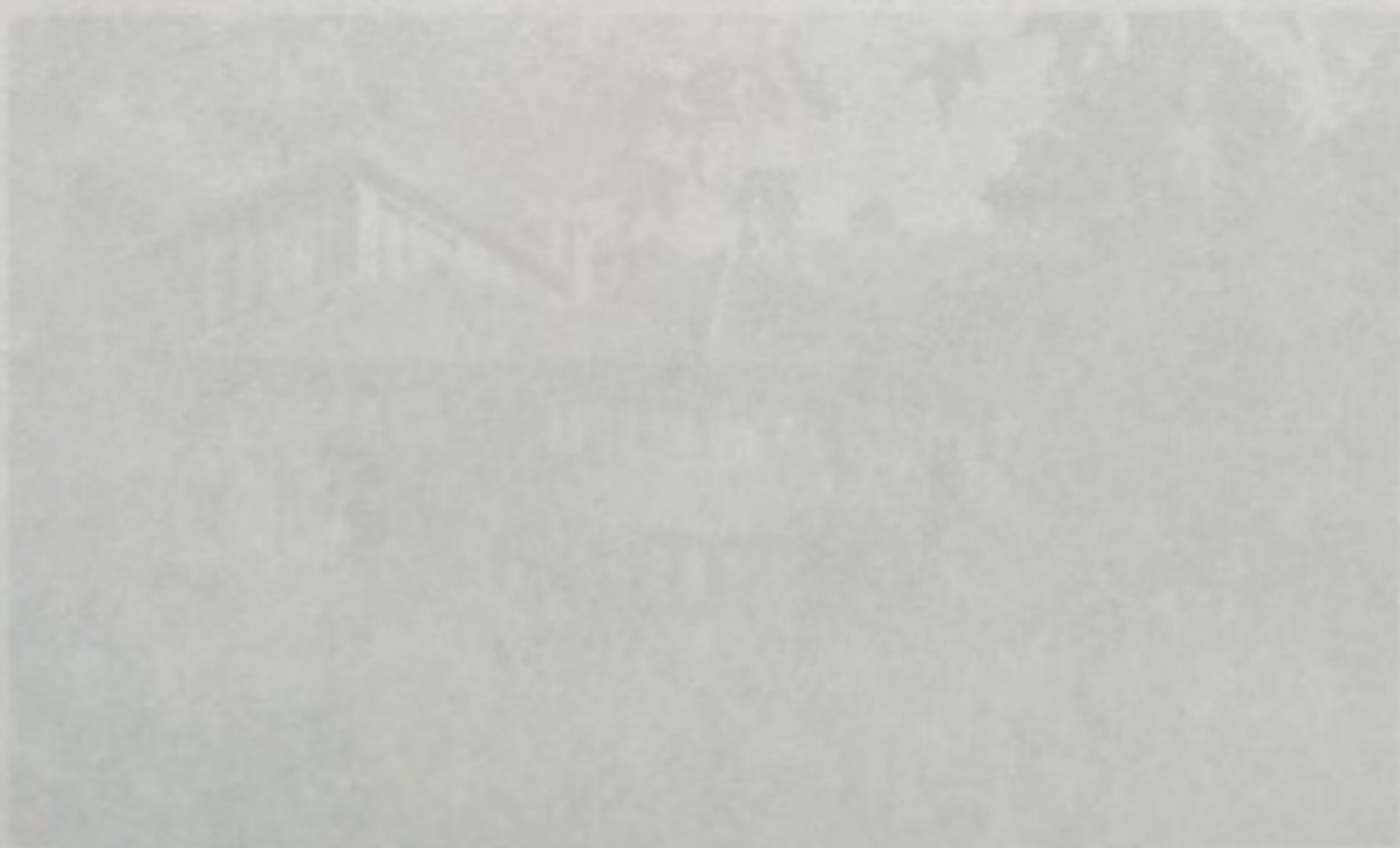
Primeira Parte

Amigos da Escola Waldorf de Capão Bonito, antiga Vale Encantado, me pediram e me estimularam a contar a história desta escola, ao alvorecer dos seus trinta anos de existência.

Ao fazer a retrospectiva, fui me dando conta de que episódios de minha biografia insistiam, de forma inevitável, em interferir nesta narrativa. Ficava evidente, também, o envolvimento de minha família, pois, esta escola nasceu e cresceu dentro dela nos seus primeiros anos...

O primeiro contato que tive com a Pedagogia Waldorf, chama que se acendeu dentro de mim em 1967 e nunca mais se apagou, foi através da Dra. Gudrun Krökel-Barkhard, médica antroposófica, que me apresentou a obra de Rudolf Steiner, um verdadeiro presente que mudou rumos totalmente inesperados às nossas vidas: a primeira apostila traduzida para o português, da Pedagogia Waldorf.

A história do Vale Encantado



Vista do prédio atual do Jardim de Infância

Introdução

Amigos da Escola Waldorf de Capão Bonito, antiga Vale Encantado, me pediram e me estimularam a contar a história desta escola, ao alvorecer dos seus trinta anos de existência.

Ao fazer a retrospectiva, fui me dando conta de que episódios de minha biografia insistiam, de forma inevitável, em interferir nesta narrativa. Ficava evidente, também, o envolvimento de minha família, pois, esta escola nasceu e cresceu dentro dela nos seus primeiros setênios...

O primeiro contato que tive com a Pedagogia Waldorf, chama que se acendeu dentro de mim em 1967 e nunca mais se apagou, foi através da Dra. Gudrun Krökel Burkhard, médica antroposófica, que atendia minha família. Dela recebi um verdadeiro presente que indicou rumos totalmente inesperados às nossas vidas: a primeira apostila traduzida para o português, da Pedagogia Waldorf!



Vista do prédio atual do Jardim de Infância

I

Em 1968 nos mudamos para Capão Bonito, onde meu marido iria dar continuidade a um projeto da família, no setor de madeiras. Ao organizar minha nova casa, deparei-me com aquela apostila. Senti-me compelida a dinamizá-la na comunidade onde acabara de chegar. Como àquela altura, educação não era o meu chão, fui me relacionando com as pessoas da sociedade, até que, afinal, as circunstâncias me levaram a conhecer uma pedagoga que me pareceu muito interessada na melhoria das práticas de ensino.

Esperançosa, mostrei-lhe a apostila, que a encantou sobremaneira, mas, a seguir veio o balde de água fria, de que "era impossível colocá-la em prática". Numa outra oportunidade, uma diretora de ensino de Sorocaba, vigoroso pólo industrial paulista, externou o mesmo ponto de vista. Aos poucos fui me conscientizando de que aquela pedagogia era válida somente para os povos do primeiro mundo. Seria muita pretensão trazê-la para Capão Bonito. Conformada, mas ainda com alguma esperança, dei um tempo para novos acontecimentos. A referida apostila ficou guardada, mas não esquecida, num cantinho da estante, ao lado de meus livros, durante 7 longos anos.

Em março de 1974, como fazia periodicamente, levei minha filha caçula Thais, de 4 anos, para uma consulta com Dra. Gudrun que, ao examiná-la indagou se ela já freqüentava um jardim de infância. Diante daquele questionamento, senti um misto de culpa e impotência, mas tinha uma justificativa que certamente iria me redimir: "não há jardins de infância em minha cidade". Mas Dra. Gudrun, insensível ao meu argumento, do alto de sua inquestionável autoridade, lançou-me de forma clara e categórica o desafio: "Faça você mesma um jardim de infância no seu quintal. Acabo de chegar da Europa e lá é consenso que só poderemos melhorar este mundo, se as crianças pequenas freqüentarem bons jardins de infância."

Aquele episódio calou profundamente em minha alma. Impossível ignorá-lo. E aquela histórica apostila veio mais forte à minha mente e se misturou com as palavras da Dra. Gudrun, que ainda ecoavam no meu íntimo. Desfilaram, também, as dificuldades e obstáculos que indubitavelmente iriam se interpor a uma empreitada daquele vulto.

Existem experiências malsucedidas em nossas vidas, que assumimos como fracassos pessoais, mas que, na realidade estão nos conduzindo para melhores caminhos. Formada em Enfermagem pela Universidade de São Paulo, não resisti ao convite para assumir a chefia do Serviço de Enfermagem da Santa Casa local. Consegui permanecer nessa atividade por dois anos. Desisti desse trabalho por me sentir cerceada em meus princípios profissionais e éticos e, por isso mesmo, desisti de ser enfermeira. Assim é que, frustrada e sentindo-me a última das criaturas, por não ter podido exercer, em sua plenitude, minha profissão de enfermeira, pressenti que o destino me reservava outra tarefa, por certo tão nobre quanto à da minha vocação.

II

O ano de 1974 foi marcado por uma sensível mudança na vida de Capão Bonito. Aquele entorpecimento próprio dos municípios estagnados foi quebrado por um auspicioso fato econômico. Estava em curso a construção de uma grande fábrica de cimento que iria explorar as imensas jazidas de calcário da nossa região. A cidade, cheia de boas expectativas, assistia a chegada dos técnicos que iriam conduzir a grande obra. E o que isso tem a ver com a escola de que estamos falando? Muito a ver. Entre os homens que iriam comandar o empreendimento, estava um especialista em implantação de fábricas de cimento, o Eng. Romeu Lourenço Landi. Ele acabara de chegar, com sua família, de Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo, onde concluía trabalho semelhante. Sua esposa, Márcia Guimarães Landi, afortunadamente, tinha a mesma consciência da importância da

pré-escola para seus filhos. Numa cidade pequena como a nossa, ela logo ficou sabendo do meu projeto e me procurou. E o que aconteceu foi uma perfeita sintonia entre nós, propiciando uma união de forças.

Para formalizar a parceria e cumprir os requisitos legais, havia a necessidade de um nome, uma razão social. Mais do que um requisito burocrático, entendíamos que esse nome iria representar um papel importante na escola e deveria ter o condão de cativar os pequenos alunos. E nessa linha de raciocínio, o ideal seria que esse nome fosse escolhido por uma criança. Promovi, então, um concurso entre meus filhos e a sugestão vencedora foi a de Denise, com 9 anos de idade: Vale Encantado.

E no dia 20 de agosto de 1974 era celebrado o contrato que dava existência jurídica à Escola Jardim Vale Encantado. Permitam-me assinalar que esta foi a primeira iniciativa Waldorf empreendida no interior do Brasil e a segunda em âmbito nacional. E o que me moveu nessa direção foi a descoberta de que esta pedagogia propicia a formação de seres humanos fraternos. Sem dispor de parâmetros ou modelos, temos caminhado em busca dessa luz, com erros e acertos.

A prioridade, então, passou a ser a escolha da professora. No seu perfil profissional deveria constar prática no magistério e muita facilidade de se relacionar com crianças. Não foi difícil identificá-la entre os nomes cogitados. Convidada, ela aceitou a tarefa e, assim, a Profa. Natércia de Freitas se juntou a nós. E ela jamais abandonou a escola. Tia Texa, como era carinhosamente chamada por seus pequenos alunos, se revelou, ao longo dos anos, a viga mestra da escola!

O local de funcionamento da escola já estava definido. Conforme preconizara a Dra. Gudrun, ia ser no quintal da minha casa. Uma construção de 3 cômodos, vazia, que lá existia e mais um espaçoso galpão, se constituíram nas primeiras instalações da escola. Nesse local, sito à Avenida Lucas Nogueira Garcez, ao lado do trevo de acesso à cidade, iniciamos as atividades em agosto de 1974, com 30 alunos (façanha conseguida pela Márcia) e lá permanecemos por 6 meses.



Cena do Jardim de Infância em seu primeiro momento, na Av. Lucas Nogueira Garcez

Devo confessar que sentia um certo desconforto quando constatava que estávamos atendendo crianças de um bom nível social, sem possibilidade de atingir crianças carentes. Foi quando aportou em Capão Bonito o Padre Henrique Hellsloot, um holandês de nascimento, mas, com o coração aberto para as crianças brasileiras. Procurou-me e pediu para ajudá-lo na organização de uma entidade social para atender crianças carentes e desnutridas. Encarei essa oportunidade surgida, como uma benção dos céus. Trabalhei como voluntária nessa obra social até fins de 1979.

Numa tarde de domingo, no final de 1974, como de costume, nos reunimos, Márcia, Romeu, meu marido Aldo e eu, e veio à tona a questão do jardim, que se mostrava uma iniciativa promissora e precisava de novas instalações para se expandir. Por sugestão de meu marido, fizemos uma caminhada pela fazenda da família, na parte mais próxima à cidade. Nessa área havia uma casa abandonada, que tinha sido moradia de um carvoeiro, quando ali se produzia carvão de eucalipto. O abandono do local não entusiasmou nem um pouco, mas vislumbrava-se um potencial enorme a ser explorado; um pequeno lago, muitas árvores, gramados, enfim, muitos ingredientes para uma escola com pretensões de se integrar na pedagogia Waldorf.

Passaram-se algumas semanas e, afinal, prevaleceu a idéia de se recuperar o local para a instalação da escola. E da idéia para a ação foi um passo rápido. Todos se envolveram naquela



Area da fazenda antes da adaptação para o Jardim da Infância

tarrafa prazerosa de revitalização da área, procedendo-se à limpeza, capina, podas, reforma, pintura, abastecimento de água, luz, esgoto, enfim, um trabalho infindável.

E eis que, em 1975, o ano letivo do Jardim Vale Encantado começou numa casa de tijolos aparentes, com faixas brancas circundando janelas e portas vermelhas e uma convidativa varanda. Impensável para todos nós, envolvidos na implantação da nova sede, que aquele local viria a ser o ponto de irradiação para um complexo educacional fadado a crescer cada vez mais e mais. Impossível imaginar, naquele momento, todas as influencias benéficas que aquela emergente iniciativa traria para o município de Capão Bonito.



O Jardim de Infância instalado na área escolhida dentro da fazenda



O Jardim de Infância instalado na área escolhida dentro da fazenda



A primeira turma do Jardim de Infância Vale Encantado

Uma estradinha sinuosa foi aberta para que os pais pudessem ter acesso com seus carros, para trazer seus filhos às atividades. Esse acesso foi sendo melhorado, até termos hoje uma entrada pela avenida mais bonita da cidade, a Avenida Dona Nenê.

Uma de nossas principais preocupações foi dotar o jardim de muitos brinquedos. Meu marido, diretor da Preservam, se prontificou a nos ajudar com suas madeiras e seus carpinteiros a compor um play-ground. Foi assim que, a partir de toras de eucalipto, foram sendo criadas estruturas lúdicas, que têm encantado todas as crianças e que foram sendo batizadas com nomes sugestivos, como pirâmide, caracol, torre, trenzinho, dragão, escorregador, balanço e gangorra. Um quiosque de sapé, cobrindo um tanque de areia é reinado pelos pequeninos, enquanto a casa de boneca recebe os maiores. A torre multiuso, reunindo escorregador, escada, rampa, plataforma, um tronco deslizante, um ponto de vigia, tudo perfeitamente seguro, fica à disposição de todos. E as crianças, incansavelmente, vivenciam cada um desses brinquedos, numa feliz "hora de recreio", com muita fantasia.



Play ground



Crianças no play ground

Ainda no ano de 1975, fomos convidados a participar de um seminário sobre jardins de infância Waldorf, na Clínica Tobias, em São Paulo. Teria sido um fato corriqueiro, não fosse o ineditismo da situação em que nós, pela primeira vez, estávamos participando, ao vivo, de um evento antroposófico. Durante uma semana, duas professoras e eu tivemos a oportunidade de receber valiosos ensinamentos teóricos e práticos, desde a confecção de bonecas de pano com lã de carneiro, até fundamentos sobre jardim Waldorf, ministrados pela Profa. Cristha Glass.

E este ano de 1975, tão auspicioso em seu início, terminou de forma melancólica para nossa escola. Márcia, que tivera uma participação tão decisiva na sua fundação, anunciou que estava deixando Capão Bonito, para acompanhar seu marido em novas missões profissionais. Essa despedida, contudo, não rompe nossos laços de amizade, que perduram até hoje.

Ao encerramento deste capítulo, que descreve os primeiros passos desta escola, quero homenagear as mães que confiaram em nós desde a primeira hora. Faço esta homenagem a todas elas, através da inscrição do depoimento de uma delas que, além de mãe, é também uma educadora emérita:

No início do ano de 1975, retornava a Capão Bonito, após uma ausência de 2 anos. Entre as minhas malas, uma preocupação: uma escola de educação infantil que meu filho pudesse continuar a frequentar.

Qual não foi minha agradável surpresa ao saber que já havia uma escolinha em Capão Bonito. E mais ainda: era uma iniciativa da minha amiga Izabel Sacco. De olhos fechados, no mesmo dia matriculei os meus filhos: Gino de 5 anos e Helena Cristina de 3 anos, apelidada pelos coleguinhas de Tina.

Via-os se levantarem cedinho com todo o entusiasmo e vestirem as suas calças vermelhas e camisetas brancas para irem para o Vale. Voltavam exaustos, blusas e sapatos amarrados ao ombro, olhos brilhantes e muitas histórias para contar. Ele, de suas aventuras entre as grandes árvores do Vale, dos túneis, dos balanços, dos amigos. Ela, das brincadeiras de mãe, de casinha, de bonecas, da ponte, dos patos, das novas amigas que chegavam.

Muitos anos se passaram. Mas o "Vale" sempre foi uma presença na vida de meus filhos. Não só o amor pela inesquecível Tia Texa mas, a harmonia interior que percebo dentro deles. Nos cidadãos sérios, honrados que estão se fazendo.

Sou muito agradecida ao Vale Encantado, hoje Escola "Waldorf" de Capão Bonito. À minha irmã de alma Izabel, à sua família pela coragem em enfrentar os desafios e permanecer fazendo da Escola, o melhor cartão postal de Capão Bonito.

HELOÍSA HELENA C. ARRUNÁTEGUI



Crianças vivenciando a ponte e o riacho

III

Nos anos que se seguiram, a escola foi se firmando como uma influência benfazeja para a infância, ganhando a adesão de muitas famílias capão-bonitenses e dos que aqui chegavam, vindos das mais diferentes partes do Brasil, em função da Itabira, a fábrica de cimento que agora funcionava a pleno vapor.

Estamos em 1980. Com os filhos em idade de ingressar no colegial, vejo-me na contingência de me mudar com eles para a Capital, com meu marido permanecendo em Capão Bonito, de forma a assegurar a continuidade da empresa.

Optamos por São Paulo porque estava em nossos planos que eles estudassem na Escola Higienópolis (hoje Escola Rudolf Steiner de São Paulo), onde já havíamos feito reserva alguns anos antes.

Esta escola, vale ressaltar, teve a primazia do ensino Waldorf, constituindo-se no primeiro estabelecimento de ensino a praticar esta pedagogia. Na grade de cursos oferecidos, além do curso colegial, que nos interessava diretamente, um me chamou particularmente a atenção: o Seminário de Pedagogia Waldorf.

Foi assim que, em 1981, estimulada pela Dra. Gudrun e, aproveitando o lado prático da presença de meus filhos na mesma escola, matriculei-me no referido curso. Nesta situação, nos tornamos todos estudantes, eu e meus filhos. Não é preciso dizer que me sentia em estado de graça, por estar de novo em um banco escolar e poder estudar e aprender, numa área para a qual me sentia totalmente motivada. Como podem constatar, minha mudança para São Paulo, ao invés de me afastar da iniciativa, abriu espaço para eu reunir conhecimentos e novas práticas que iriam enriquecer o Jardim Vale Encantado.

Até então o curso estava estruturado para um ano de duração. Ao findar esse ano, o entusiasmo entre os seminaristas era tamanho, que desencadeou um movimento para sua ampliação. Nessas circunstâncias o pleito do grupo foi atendido e cada seminarista pôde se aprofundar em sua área de interesse. Não hesitei nem um minuto, por razões óbvias, em escolher jardim de infância. Abriu-se, então, uma excepcional oportunidade de eu fazer estágios práticos nessa especialização.

Ao finalizar o curso, a Profa. Cristha, muito sabiamente,

nos passou uma tarefa, que, em princípio, nos pareceu árdua e difícil: criar um jardim de infância, contemplando todos os seus aspectos, desde a planta física. Com o pensamento voltado para o Vale Encantado, pus-me a sonhar e agregar ao sonho os conhecimentos adquiridos no transcorrer desses dois anos. Ao fascínio da liberdade que o trabalho me ensejava para criar, surgem as salas pentagonais, dispostas em arco, qual o gesto arquitetônico de um abraço, convidando a criança para se aproximar, provocando sua curiosidade. Adentrando por um pequeno hall, uma porta semi-escondida se abre para uma sala esplendorosa, aparentemente arredondada, com um centro bem marcado e visível. Uma abóbada intrigante ajuda na sensação do arredondado. E temos um conjunto aconchegante, como se fora um grande útero, dando à criança a sensação de proteção e segurança.

O conjunto estava delineado na minha cabeça, mas, o trabalho escolar tinha um prazo. Como passar tudo aquilo para o papel? Sem talento para esse mister, apelei para meu filho, que na época se preparava para o vestibular de arquitetura. Ele conseguiu captar minha proposta e a colocou em forma de planta, como eu a imaginara. "Quem sabe um dia ela tomaria forma real", pensei !

IV

Em 1983, sentindo meus filhos independentes e bem adaptados à cidade grande, conclui que era hora de empreender minha volta à Capão Bonito. Aqui chegando, comecei a me reintegrar ao grupo que vinha atuando no Jardim. Percebi o quanto fora proveitoso o Seminário e como seria bom se mais pessoas do grupo o fizessem. E, quem reunia condições naquele momento, era a Profa. Natércia. Tive que respirar fundo antes de convidá-la, pois, pressentia quanta falta ela iria fazer. Mas, os benefícios seriam muitos, tanto para ela, profissionalmente, como para a escola, num futuro próximo. Estimulada por mim, ela aceitou o desafio e naquele mesmo ano matriculou-se e iniciou o curso. Cumpriu com ótimo aproveitamento os dois anos regulamentares e, paralelamente, foi uma companhia amiga para meus filhos. Na sua ausência a escola ficou sob minha supervisão.

Voltemos à Escola Vale Encantado. A necessidade de novos espaços começa a se fazer sentir, não só pela chegada de novos alunos, mas também, e principalmente, para viabilizar o desenvolvimento de novas atividades previstas. Essa necessidade foi tomando vulto e a solução não se afigurava fácil. Naquele quebra-cabeças, a planta do Seminário me parecia ser a peça que se encaixava com perfeição. Percebi que não podia mais conter o acalentado sonho de concretizá-la. Num misto de decisão e hesitação, passei a conjeturar comigo mesma sobre uma fórmula de como fazer a idéia deslanchar.

Como era de se esperar, revelei meu intento primeiramente ao meu marido que, ao analisar mais atentamente a planta, não mais como um trabalho escolar, mas como um projeto "pra valer", pôde sentir a complexidade da tarefa, agravada pela falta de mão-de-obra mais qualificada na cidade. Como falar em salas de 5 lados para trabalhadores com limitações de todos os tipos? O assunto tornou-se tema de discussão em família e muitas alternativas se apresentaram, inclusive substituição da planta, por outra mais convencional, que, felizmente foi logo descartada, prevalecendo minha idéia inicial. Em pouco tempo tiveram início as obras de terraplenagem e, a seguir, a construção propriamente dita.



Etapa da construção das novas salas do Jardim de Infância



Etapa da construção das novas salas do Jardim de Infância

Estávamos, assim, iniciando um novo ciclo na vida da escola, o ciclo das construções. As improvisações iniciais, inevitáveis no nascimento da escola, cediam lugar a espaços planejados sempre em função do aluno e da prática de ensino.



Fachada do prédio recém-construído

Após terem sido dados à planta os devidos tratos arquitetônicos, o prédio assumiu sua configuração final, com 4 salas de aula, cada uma com seu respectivo banheiro, uma sala de música e um mezanino destinado a uma biblioteca. A obra teve

início em 1986, com um pequeno grupo de trabalhadores, supervisionados diuturnamente por meu marido e, periodicamente, por meu filho. Em 1988 ela estava concluída, completando o segundo setênio da escola.



Pátio interno

V

De casa nova, os alunos foram assumindo as classes, dando vida ao ambiente que até há pouco tempo fora um canteiro de obras. A reação das crianças ia sendo observada e o que se constatou foi o seu deslumbramento. Merece registro uma passagem, muito significativa, de um grupo de crianças que se deteve no exame da nova sala, cochichando uns com os outros, até que uma delas, como se fora a porta-voz, chegou até a professora e perguntou, também cochichando: "é verdade que se for retirado o anel de madeira, que está no centro da sala, ela murcha?" É preciso explicar que o anel a que ela se referia era guarnição circular que dava acabamento a uma peça central do forro. Ficamos muito felizes com aquela pergunta, pois, demonstrou que as crianças estavam se sentindo dentro de uma grande bolsa.

Com as salas em funcionamento, o passo seguinte, também importante, era cuidar do entorno. Como o prédio fora construído

em um terreno muito amplo, foram necessárias muitas dezenas de metros de cerca, para que os limites ficassem bem visíveis e claros. Sem tolher a liberdade de movimentos, os limites definidos são essenciais para a segurança dos pequenos. Flores e arbustos, de diversas formas e cores se juntaram às árvores já existentes, propiciando um contacto íntimo e seguro com a natureza.



Salas do Jardim



E, ao falarmos de nossas plantas, temos que dar destaque ao trabalho de minha irmã, Escolástica Ramos de Freitas, engenheira-agrônoma de formação e com especialização em Agricultura Biodinâmica pelo Emerson College, na Inglaterra. Ela tem sido a verdadeira artífice de toda a beleza floral que o Vale ostenta, numa tarefa voluntária, valendo-se de folgas e férias de seu trabalho em Campinas. Com verdadeira devoção e muita competência ela se entrega à arte de compor o visual verde e colorido que se renova a cada estação. Os caminhos internos estão sempre emoldurados com canteiros floridos. Árvores e arbustos se desenvolvem de forma harmoniosa, graças à ação de sua temível tesoura de poda. Os tratos culturais são feitos à base de compostos orgânicos desenvolvidos na própria escola, com sua supervisão, sem defensivos ou adubação química.

Aproveitou-se a declividade de uma parte do terreno para se criar patamares ligados entre si por rampas suaves, com uma sucessão de brinquedos de madeira entre um espaço e outro, num convite irresistível ao movimento. Num terreno ao lado, fora dos limites das cercas, aproveitou-se um remanescente de pasto e um extenso gramado foi oferecido às crianças para seus jogos e corridas. Perto dali, um regato com pequenas pontes, ao lado de um bosque com árvores nativas e pés de samambaia, estavam reservados para passeios monitorados. Com esse cenário, nosso objetivo era propiciar às crianças as vivências que levam ao desenvolvimento da socialização, da fantasia e dos aspectos físico, mental, emocional e espiritual do ser humano.

Uma escavação feita dezenas de anos atrás, deixara uma depressão no terreno próximo ao prédio, que se afigurava como um grande estorvo. Mas, meu marido não viu assim e transformou aquele buraco num sugestivo anfiteatro, um conjunto arquitetônico original e que tem sido o espaço perfeito para apresentações de teatro, dança, música e tantos outros eventos passíveis de serem realizados ao ar livre. Os bancos da arquibancada, em eucalipto tratado, foram montados para serem anatomicamente confortáveis. Posteriormente, um palco circular completou o conjunto.



Etapas da construção do anfiteatro



Etapa da construção do anfiteatro

Se mencionamos as salas de aula, os alunos, o pátio, vem a pergunta: quem movimenta esses elementos e lhes dá sincronismo? O PROFESSOR, a PROFESSORA. Sem eles, nada do que falamos aqui estaria completo. Eles são os personagens fundamentais na história do Vale. Em todos estes anos muitos aqui estiveram, transmitindo seu saber aos nossos alunos. Não vou nomeá-los um por um, pois, não quero correr o risco de esquecer alguém, mas, seus semblantes estão gravados em minha mente. Tenho em mim presente o que cada um, á sua maneira, trouxe de colaboração, na construção deste Vale Encantado. Sou profundamente grata a todos que passaram por aqui e doaram o seu tijolinho, a sua dedicação e o seu empenho. Nada foi perdido. Como forma de homenageá-los, transcrevo o depoimento de uma amiga da escola, que vinculou-se ao Vale, primeiramente, como aluna do Jardim de Infância, depois, como estagiaria e, finalmente, como professora há 10 anos:

Não existem palavras que consigam expressar o imenso e profundo amor que sinto por esta escola e pelas pessoas que nela estão verdadeiramente engajadas.

E essa história de amor teve início quando eu era apenas uma menininha de 4 anos de idade e tive o privilégio de usufruir de tudo o que faz desse vale, um vale eternamente encantado. Eu não podia saber na época, mas hoje, com a maturidade, sei o quão importantes foram esses anos de minha infância que aqui passei.

No Vale, pude sentir a alegria de ser verdadeiramente criança sem ter preocupações de escrever, ler ou fazer contas,

sem antes vivenciar profundamente o espaço, contar as estrelas do céu, ouvir belas poesias, conhecer a capacidade das minhas mãozinhas tão pequeninas, mas tão especiais. Tive a liberdade de ser eu mesma, de colocar meus dons divinos e também toda minha criatividade a serviço do bom, do belo e do verdadeiro. Mesmo com tanta liberdade, os limites estiveram sempre na ponta do meu nariz. Pode parecer contraditório, mas essa é a verdadeira educação; isso é Pedagogia Waldorf; isso é Vale Encantado.

Enfim, nossos caminhos se separaram sem que pudéssemos escolher... Como a escola, naquela época, não dispunha de ensino fundamental, continuei meus estudos numa escola pública e, durante anos, o meu querido Vale Encantado tornou-se apenas saudade e boas recordações. Parecia ser algo muito distante que não seria mais possível retornar para o presente.

Nós não sabíamos, mas essa separação não seria para sempre...

Estando eu cursando o 3º Magistério, de repente me deu uma grande vontade de estagiar no Vale; como a minha vocação era ser professora, por que não?

Foi no dia 26 de maio de 1994 que a história de amor entre o Vale e eu foi retomada com ainda maior intensidade.

Iniciei como estagiária na sala do Maternal que, na época, tinha a Maysa como professora e a Romina como assistente. Reencontrei a tão querida e amada "tia" Texa e muitas outras pessoas que foram fundamentais para que esse amor fosse alimentado e vivificado.

As portas foram se abrindo aos poucos e tive a oportunidade de fazer muitos cursos a respeito da pedagogia e antroposofia e, também, de atuar em diversas áreas do ensino fundamental.

Hoje sou professora desta escola há dez anos e sinto-me extremamente realizada e feliz de fazer parte de algo tão verdadeiro e, como mãe, de saber que meus filhos terão oportunidade de serem seres humanos livres, felizes e capazes de tomar as suas vidas nas próprias mãos.

E é por isso que eu luto e sempre lutarei por esta escola.

Quero morrer bem velhinha, atuando e contribuindo para que esta escola exista.

KARINA PRISCILA GONÇALVES KAKUTA



Crianças em atividade na sala de Jardim

Concomitante-
mente ao trabalho diário
com os alunos, aconte-
ciam, semanalmente,
reuniões de estudo com
professores e, mensal-
mente, com os pais, cujo
tema principal era o
desenvolvimento huma-
no à luz da Antroposofia.

Tivemos a oportu-
nidade de trazer pro-
fissionais de São Paulo e
Botucatu, para palestras
e vivências artísticas,
nas áreas de Pedagogia
Waldorf e Social.

No campo da
Pedagogia Social desta-
co a figura de nosso caro
e saudoso amigo Herwig



Sala de aula do Ensino Fundamental

Haetinger, renomado pedagogo, com passagem marcante nos
meios antroposóficos, que se identificou sobremodo com nossa
iniciativa, fazendo-se presente inúmeras vezes em Capão Bonito,

proferindo palestras e trabalhando com pais e professores.

No âmbito da Pedagogia Waldorf, tem sido uma constante a presença de professores de outras escolas Waldorf, especialmente da Escola Rudolf Steiner de São Paulo, sempre acrescentando seus conhecimentos e experiências ao nosso grupo. Entre os que têm mantido conosco um convívio mais prolongado, destacamos a Professora Antonia Aparecida Netto, que se fez presente no início do Ensino Fundamental, sendo a atual tutora da Escola, na qualidade de membro do "Fórum de Assistência Pedagógica", da Federação das Escolas Waldorf no Brasil. A Profa. Antonia, bem como a Profa. Irene Meckien e a Profa. Annelvira Gabarra, todas ex-professoras da Escola Rudolf Steiner de São Paulo, participaram da assembléia de fundação da Vale Encantado Associados, entidade mantenedora de nossa escola, estando seus nomes inscritos como membros fundadores. Na área de educação infantil temos recebido orientação da Profa. Renate Bunning Baldacin.



Sala de aula do Ensino Fundamental



Aula de Educação Ambiental



Aula de Educação Física



Aula de Trabalhos Manuais

VI

O Jardim sempre foi muito rico em historinhas protagonizadas com espontaneidade pelos pequenos alunos. Vamos contar algumas que sobreviveram à voragem do tempo:

1. Num passeio que um grupo fazia às margens do córrego que passa nos fundos da escola, uma das crianças deita-se numa das pequenas pontes, colocando a mão na água que corria por debaixo e faz a embaraçosa pergunta: "como que a água corre se ela não tem pés?"



Brincando com água

2. Uma criança de 3 para 4 anos permaneceu muitos meses sem brincar, só observando o brincar das outras. Quando iam para o pátio, ficava encostada na porta, do lado de fora. Todos os dias a professora convidava essa criança para brincar e ela invariavelmente respondia: "sou o guarda da escola" e continuava parada, observando. Quando, finalmente, resolveu participar das atividades e brincadeiras, tornou-se um líder amado e disputado por todas as crianças.

3. Duas crianças de 5 para 6 anos brigavam por causa de um brinquedo. Uma delas desiste da disputa dizendo: "pode ficar com o brinquedo, não sou mais seu amigo". Ao que a outra imediatamente responde: "pode ficar você com ele, quero que seja meu amigo".

4. Recebemos uma criança de 6 anos, bonita, bem desenvolvida, mas, profundamente desarmônica. Era agressiva, cuspia, mordia, tirava suas próprias roupas, pulava as janelas e muito mais. Em reunião com as professoras, decidimos cuidar dela individualmente; na primeira hora da manhã, uma de nós saía da sala de atividades e ficava só com ela, colocando-a no colo, contando histórias; depois de algum tempo nesse ritmo, essa criança tornou-se outra.

5. No pátio havia uma casinha de boneca de madeira, com uma escada e um mezanino, que era muito disputada pelas crianças. Um dia um grupo já havia tomado posse da referida casa e outra criança queria participar. Ela veio me pedir ajuda e juntas fomos bater na porta. Anunciei que havia uma visita, ao que elas responderam que não estavam recebendo visitas. Insistimos, até que alguém abriu a porta e a criança perguntou se não poderia ser o cachorro da casa, ficando do lado de fora, guardando-a. A sugestão foi aceita e o "cachorro" ficou muito feliz em cumprir sua tarefa.

6. Numa das mais expressivas festas do jardim, a apresentação da peça "A Menina da Lanterna", protagonizada pelos pais, o silêncio da jovem platéia denotava seu interesse em assisti-la, sem perder um só movimento.

Certa vez, ouvimos de uma criança, cuja mãe interpretava o Sol, a exclamação com um misto de entusiasmo e orgulho de que "esse foi o Sol mais lindo que eu já vi".

7. O jardim estava ganhando de presente um "trem de ferro". Os carpinteiros se empenhavam na montagem das peças, na verdade troncos de eucalipto, enquanto as crianças observavam, curiosas, o seu trabalho. Uma vez completada a montagem, o trenzinho se apresentou imponente e convidativo aos olhos dos pequenos alunos, que logo começaram a "operá-lo".

No dia seguinte uma mamãe muito intrigada, indagava de um professor sobre um tal de um "trem" que, segundo seu filho, era muito legal e até soltava fumaça pela chaminé.



Caminho de acesso ao Jardim



Liberdade de movimento em ambiente rico de formas e cores



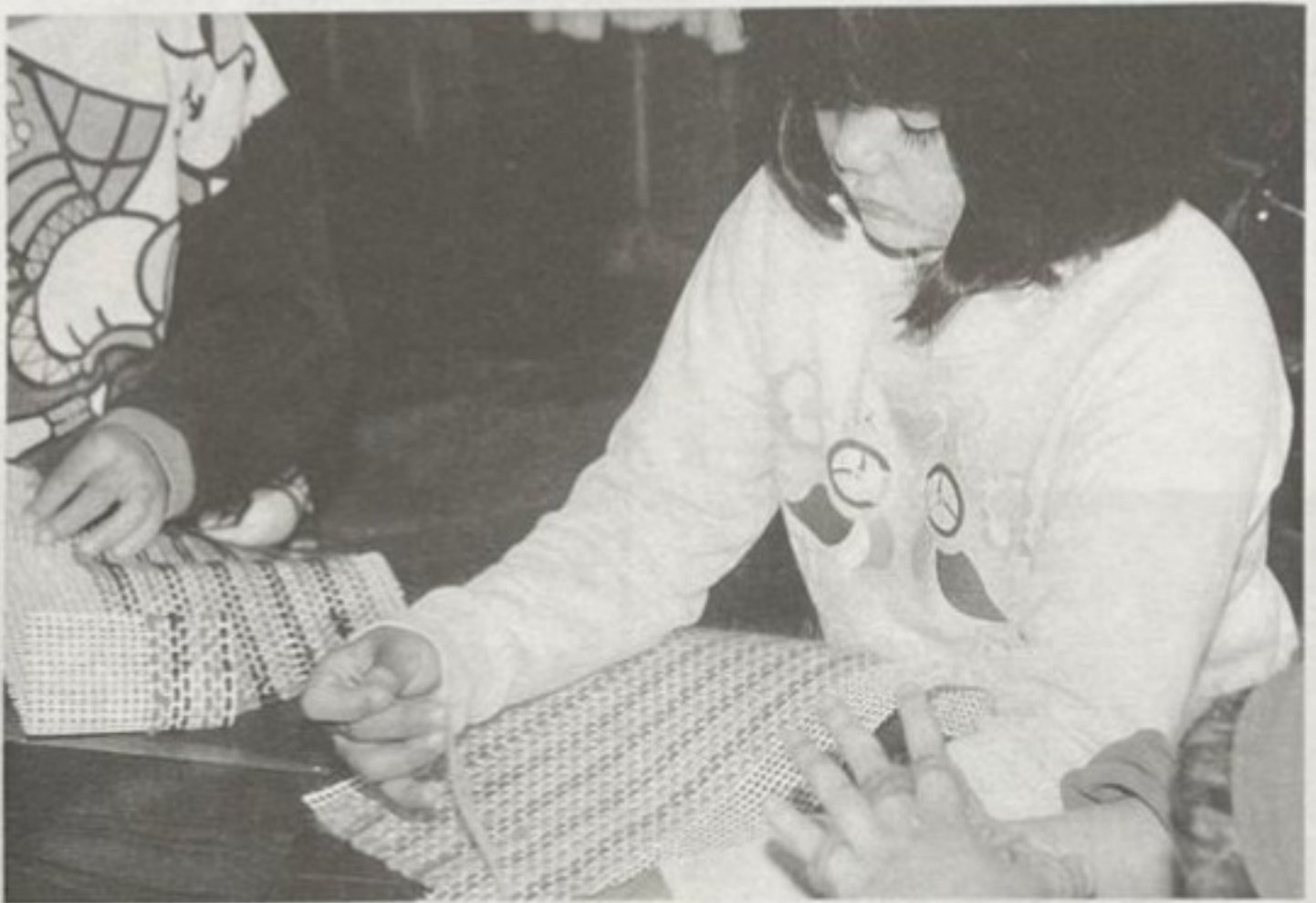
Brincando ao ar livre



Vivenciando o fogo



Música no Jardim usando a cantele



Atividades do Jardim de Infância

VII

O ano letivo de um Jardim Waldorf é entremeado de festas que vão se sucedendo em sintonia com as estações do ano. Se cada festa tem sua data ou seu momento certo de acontecer, não quer dizer que elas se restrinjam a uns poucos dias do ano. O que acontece realmente, é que cada festa é precedida por um longo período preparatório, ocasionando um encadeamento de períodos diferentes no decorrer do Calendário das Festas Anuais. Isto significa que, entre uma festa e outra desenvolvem-se atividades como o canto, a roda de ritmos, histórias, pinturas, dobraduras e muitas outras. É importante destacar que a expectativa da festa motiva fortemente os alunos em seu dia-a-dia escolar, que se dispõem a dar o melhor de si, com esforço, capricho, atenção e alegria.

Dessa forma, no outono temos a Páscoa, no inverno a Festa da Lanterna e a Festa Junina. Em setembro a Festa da Primavera saúda a chegada da estação das flores; nesse mesmo mês celebra-se São Miguel Arcanjo, com a Festa da Coragem. Em fins de novembro começa o advento do Natal. São Nicolau e o encerramento do ano letivo, acontecem em dezembro, com a entrada do verão.



Festa da Primavera



Festa da Primavera

Festa da Lanterna - Imaginemos uma grande festa com data marcada e os preparativos que a antecedem. É exatamente assim com a Festa da Lanterna. Nas classes as crianças cantam as músicas próprias deste evento, que animam as aulas e servem como ensaio, ouvem histórias e pintam as cartolinas que serão usadas na confecção das lanternas. Este trabalho de confecção é desempenhado pelos pais, na própria escola, aos sábados, quando se reúnem e trocam experiências, cada um se esmerando para brindar seu filho com a mais bonita lanterna.

E a participação dos pais não se resume nesta tarefa. Eles assumem integralmente a preparação da peça "A menina da lanterna", que deve ser encenada no dia da festa. Escolhem, de comum acordo, os papéis que irão desempenhar, confeccionam os trajes e ensaiam durante várias noites. Montam o cenário e cumprem, enfim, todas as etapas que uma peça teatral exige.

Quando chega o grande dia, a escola vive um intenso burburinho. As crianças chegam e já vão empunhando suas lanternas, uma diferente da outra. O sol já está se pondo e a longa noite de inverno cai mais cedo, para alegria das crianças. Todas as luzes elétricas são apagadas e as lanternas vão sendo acesas. A princípio surge uma luz baça, multicolorida, que logo se aviva com a ajuda da escuridão. No seu simbolismo, é a centelha divina que todo ser humano traz em seu interior. E os pequeninos, em

fila, desfilam orgulhosos pelos caminhos internos da escola, com os olhos fitos na luz de sua lanterna, entoando canções que falam das relações entre o céu e a terra:

Eu ando com minha lanterna

E minha lanterna comigo

No céu brilham estrelas

Na terra brilhamos nós

Minha luz se apagou

Pra casa eu vou

Balanga, balanga lampião

Antes de tomar o caminho de volta, formam uma ciranda e cantam novas canções. Depois da caminhada, a lanterna é apagada e todos se dirigem para o anfiteatro. É chegado o momento de assistir ao teatro protagonizado pelos papais e pelas mães. À medida que a peça se desenrola, o silêncio vai tomando conta da platéia, que é quebrado quando os pequenos expectadores extravasam seu entusiasmo ao verem seus papais e mães encarnando o ouriço, a raposa, o urso, a velha fiandeira, o sapateiro, a menina da bola, as estrelas, o vento, o sol e a menina da lanterna, em cenas envolventes.

Festas Juninas - Aconteciam no pátio da escola e eram preparadas pelos pais e professores, que estendiam bandeirolas, montavam barracas para pescaria, organizavam a quadrilha e o casamento caipira e supriam a festa com comidas típicas. Para a pescaria procurávamos prendas que resistissem ao contato das mãozinhas ágeis e curiosas dos pequenos pescadores. Isso nos dava muito trabalho. Quantas vezes percorremos o centro de São Paulo, a Rua 25 de Março e o Largo 13, em Santo Amaro, atrás de prendas interessantes e duráveis. As pedras brasileiras sempre foram bem-vindas; quanto menor a criança, maior a pedra. Fazíamos sacolinhas de crochê com fios de lã e dentro colocávamos pedras coloridas e arredondadas, que encantavam as crianças. Creio que muitas delas ainda existam, nos respectivos lares, como lembranças do Vale Encantado.



Festa Junina nos primórdios do Jardim de Infância



Festa Junina em fase recente



Festa Junina em fase recente



Festa da Coragem

Festa da Coragem - É comemorada em fins de setembro.

No Jardim esta festa começa com a representação, pelas professoras e assistentes, de um conto relacionado com São Miguel Arcanjo. Cada criança recebe a sua espada, que simboliza a luta do bem contra o mal.

No Ensino Fundamental as crianças passam por provas de coragem e ganham um prêmio pela sua participação, em forma de um pingente de hematita.

Bazar Natalino - Um dos eventos característicos da Pedagogia Waldorf é o Bazar Natalino, que ocorre simultaneamente com a exposição dos trabalhos feitos pelos alunos de todas as séries, durante o ano letivo. Costuma acontecer em meados de novembro ou início de dezembro, prevendo o período de compras de Natal. Todos os produtos oferecidos nesse bazar são confeccionados durante o ano pelos pais, professores e amigos da escola, que incluem brinquedos, artesanato, utilidades domésticas, bordados, bonecas, chás, doces, pães, geléias, etc.

A renda do bazar é revertida para a escola. Nos primeiros anos em que o bazar aconteceu, foi estabelecido que a renda seria utilizada para comprar instrumentos para a sala de música. Ainda que não estivesse tão bem organizado e auto-suficiente, conseguiu-se atingir o objetivo, adquirindo-se cântalos, metalofones, xilofones e, o mais bem-vindo de todos, um piano, que até hoje são usados nas aulas de música.

Sob a tutela do Ensino Fundamental, o Bazar foi aprimorado, formou-se uma comissão e as mães o assumiram com muito empenho, tornando-o auto-sustentável e gerando, conseqüentemente, uma ótima renda para a escola.

VIII

Esta narrativa, desde seu início, não deixou transparecer aspectos econômico-financeiros ou, como fluíram os recursos para esta iniciativa. Num município agrícola, situado na região mais pobre do Estado, com população predominantemente de baixo poder aquisitivo, a Escola teve que, desde sua primeira hora, aceitar diferentes formas de pagamento, de acordo com as possibilidades de cada família, prática que vem sendo adotada até hoje.

A receita provinda dessas mensalidades equilibrava a vida financeira da Escola, nos seus primeiros anos. O seu crescimento, porém, quebrou esse equilíbrio, em função de um descompasso entre receita e despesa, ou seja, os custos aumentaram mais que proporcionalmente à receita obtida. Os déficits que vinham

ocorrendo ano após ano, iam sendo cobertos pela Preservam, já mencionada empresa da família. Fundada em 1968, ela dedica-se ao ramo de preservação de madeiras. Utiliza exclusivamente árvores plantadas, cuja madeira é submetida a um tratamento que lhe dá durabilidade, sendo usada principalmente nas construções rural e civil. Ela substitui a madeira de lei, reduzindo a pressão sobre as matas nativas. Esta empresa desempenha, portanto, importante função ecológica. Não há como contar a história do Vale Encantado sem falar da Preservam, porque foi em seu seio que ela nasceu. Naquele tempo ela já praticava "responsabilidade social", sem visar nenhum retorno de incentivos fiscais ou de qualquer outra natureza.

A partir de um determinado momento da história do Vale, a Preservam deixou de prestar socorro financeiro em forma de desembolso, concentrando sua cooperação na infra-estrutura da escola.

Desde então tem restringido sua ajuda no fornecimento de água, energia elétrica, iluminação externa e cópias xerográficas. Ao lado disso mantém permanentemente serviços de carpintaria, hidráulica, elétrica, jardinagem, segurança e manutenção em geral. Tem sido, também, responsável pela confecção de todos os móveis necessários à escola.

Essa união empresa/escola foi fundamental e decisiva para a existência do Vale Encantado. Foi a forma possível, dentro da nossa realidade, de dar condições para esta escola nascer e se manter durante muitos anos. Lamentavelmente, a Escola Vale Encantado, após o início do Ensino Fundamental, passou a receber muitas críticas por não ter nascido de uma associação, mas de uma iniciativa privada, ainda que sem fins lucrativos. Por conta disso, ajudas externas, muitas vezes oferecidas a outras iniciativas, foram repetidamente negadas para a Vale Encantado. O fato de não haver interesse de minha família em obter lucro financeiro com a escola, também foi alvo de desconfianças e calúnias.

Se nos remetermos à história da primeira Escola Waldorf do mundo, surgida em Stuttgart, veremos que ela nasceu a partir de circunstâncias que a vincularam a uma empresa industrial que acabou dando o nome à nascente pedagogia. Claro que não cabe qualquer tipo de comparação e nem temos essa pretensão, já que a Escola de Stuttgart deu novos rumos à educação e à vida social em

todo o mundo, enquanto que a pequena Vale Encantado apenas trouxe os seus princípios para o restrito âmbito de um pequeno município brasileiro. Mas é inaceitável que se dê a essa união empresa/escola um caráter espúrio! E por conta disso, sejam desconsideradas todas as ações e conquistas de uma entidade que fez a diferença na vida de muitas crianças.

Ainda que esta escola tenha surgido de forma considerada heterodoxa, segundo os preceitos da Pedagogia Waldorf, ela sempre buscou e trilhou os caminhos que levam ao exercício pleno desta linha educacional. Se tivéssemos que iniciar a escola em condições ideais, talvez ela nunca se tornasse uma realidade. Em Capão Bonito, naquela época, dificilmente seria possível iniciar uma escola com uma associação. Não só pelo despreparo de minha parte, mas também, pelo total desconhecimento da comunidade acerca da Pedagogia Waldorf. Até mesmo a importância da educação infantil era ignorada e havia resistência em levar crianças em idade pré-escolar para o jardim de infância. Cabe aqui a pergunta: o que é mais importante, o ponto de partida ou o objetivo almejado?

A partir dos seminários de Pedagogia Social dos quais participei, a idéia da associação passou a fazer parte das nossas metas, mas, ela só se tornou realidade quando a comunidade escolar atingiu a necessária maturidade. No capítulo XV entrarei em detalhes da fundação dessa associação.

IX

Nossa meta de concretizar um jardim de infância em Capão Bonito, para a estimulação adequada do ser humano em desenvolvimento, no primeiro setênio, fora alcançada. Esta história terminaria por aqui, não fosse a volta à cena daquela menina que dera o nome à escola. Denise, agora moça, se apresenta espontaneamente, para implantar o ensino fundamental no Vale. Seu pai a queria administradora de empresas, mas ela obedeceu sua vocação, direcionando seus estudos para a área de pedagogia. Graduou-se em São Paulo e fez especialização em Stuttgart, na Alemanha, credenciando-se para assumir a tarefa a que se propunha: implantar o ensino fundamental.

X

Se o prédio novo representou um marco na história do Vale, também é verdade que ele despertou entre os pais o sentimento do "quero mais". O novo prédio deu ares importantes à escola, ao mesmo tempo que parecia acentuar a sensação de perda, ante a perspectiva de que seus filhos teriam que deixar o Vale, para prosseguir seus estudos em cursos que a escola não dispunha. Não queriam que a qualidade de ensino para seus filhos sofresse solução de continuidade.

Com a chegada de Denise à Capão Bonito, em 1991, vislumbra-se um fio de esperança. Naquelas circunstâncias, o projeto que Denise trazia, para implantação de ensino fundamental na escola, encontra eco na comunidade do Vale, possibilitando-lhe a formação de um grupo de estudos que deveria alicerçar aquele empreendimento.

Para dar mais consistência ao grupo, ela percebeu que precisava do testemunho de educadores experientes, que afastassem quaisquer dúvidas quanto ao acerto da iniciativa. Imediatamente lhe veio à mente o nome do Dr. Rudolf Lanz, seu ex-professor e a quem ela sempre admirara. Em 1993, finalmente, ela conseguiu trazê-lo até nós. Essa visita foi o impulso inicial para a implantação do Ensino Fundamental. Ele nos brindou com memoráveis palestras sobre a Pedagogia Waldorf e sobre como funciona uma escola, no ensino fundamental. Nesse convívio de alguns dias, o Prof. Lanz nos conquistou de forma cabal, primeiro pelo seu saber e experiência, transmitidos com clareza e precisão a todos que tiveram a felicidade de ouvi-lo e, segundo, por sua lhanza no trato com os participantes daquele evento, tão marcante para nossa história. Antes de voltar para São Paulo deixou gravada em nosso Livro de Visitas uma mensagem com suas impressões e palavras de estímulo ao nosso trabalho. É uma página que guardamos como um tesouro, a seguir reproduzida:

"Foi uma surpresa e uma experiência maravilhosa conhecer o trabalho realizado aqui - e o resultado extraordinário já conseguido! Continuem assim! Fiquei admirado e profundamente grato. E sei que o futuro nos reserva ainda grandes surpresas, como resultado do seu lindo trabalho!"

RUDOLF LANZ 29/VIII/93

De seus ensinamentos depreendemos que o sucesso dessa nova jornada só seria alcançado com o desenvolvimento de uma confiança mútua entre pais, professores e mantenedores.



Visita do Dr. Lanz. Da esquerda para a direita Denise, Dr. Lanz, Izabel e Aldo

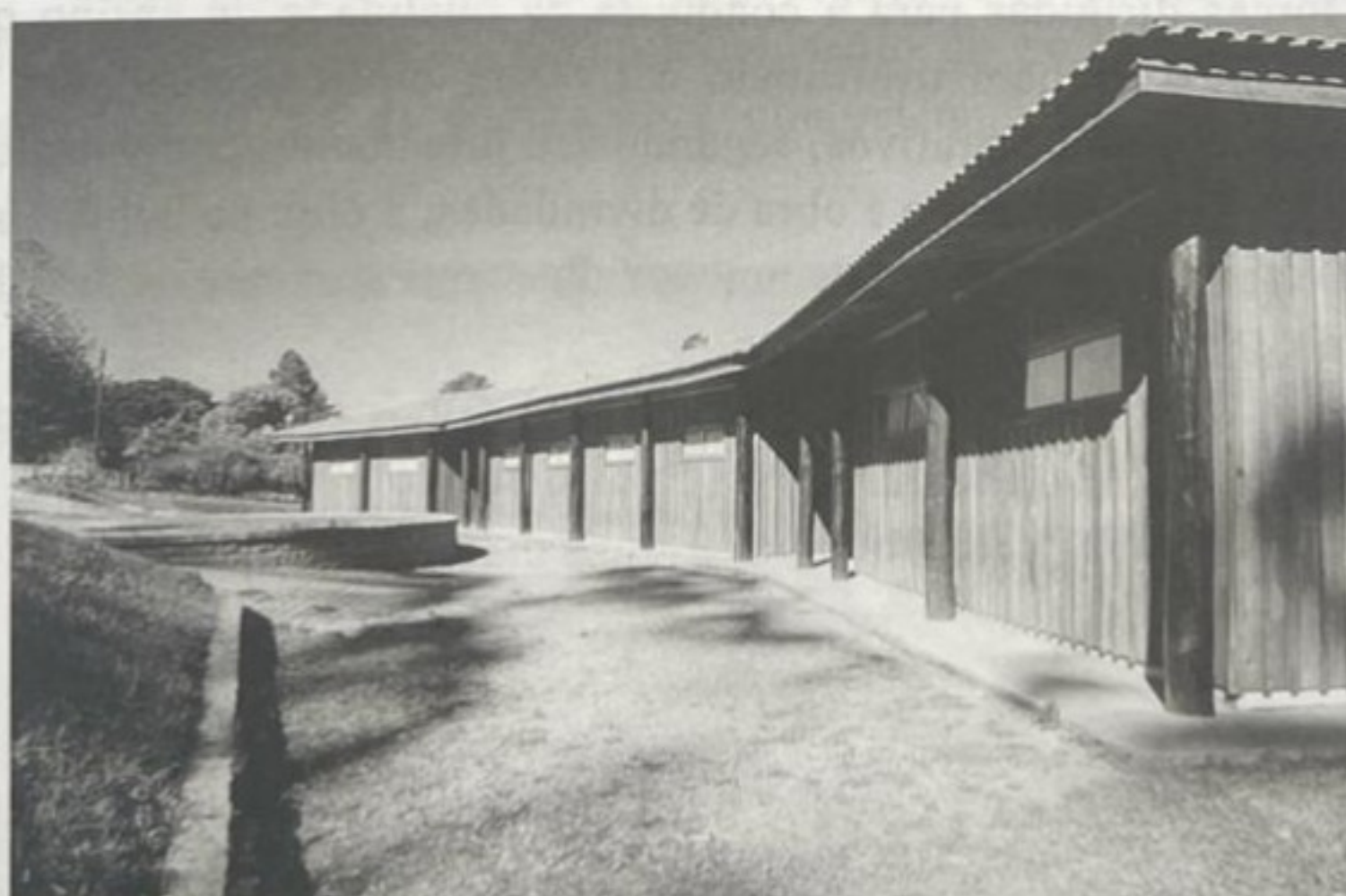
Em 1994, ao iniciar-se o ano letivo, todos se rejubilam. Começavam as aulas do primeiro ano Waldorf, chamado de pré-escola em função do primeiro grau de então comportar apenas oito anos e não nove como na pedagogia Waldorf. Numa sala emprestada do Jardim, a Profa. Denise assumia uma classe de 18 alunos e inaugurava uma nova era no Vale.

XI

Com mais uma série do ensino fundamental, o problema de espaço começa a preocupar. E nessa premência, as novas séries vão sendo acomodadas, primeiro na sala de música e depois no prédio antigo. Foi assim que, para evitar que o curso ficasse inviabilizado por falta de salas, convoquei, mais uma vez, o Arquiteto Marcelo para criar um novo espaço para o ensino fundamental. O projeto aprovado contemplou as condições essen-

ciais para um bom desempenho escolar, constituindo-se em 4 novas salas, amplas, arejadas e bem iluminadas, atendidas por dois espaçosos conjuntos de sanitários. Em 1996, graças aos recursos disponibilizados pela Preservam, foi possível concretizar o projeto.

Com esta construção o ensino fundamental passou a ter sua área própria, em amplo terreno, com muito espaço para seu crescimento futuro.



Vistas do prédio do Ensino Fundamental

Faço aqui mais uma interrupção na narrativa, para falar das construções que se sucederam no Vale. Elas não surgiram num estalar de dedos. Tenho que assinalar que esta escola, nascida no

seio de minha família, foi nos seus primeiros anos, como um filho a mais, que precisava de assistência e proteção para crescer sadio. Por essa razão, cada novo investimento era analisado e sempre aprovado por unanimidade. Esta incumbência era transferida para a Preservam, que, além da verba, disponibilizava toda sua estrutura, quer material, quer de mão-de-obra, além de projetos e supervisão permanente.

XII

Como em qualquer história, os conflitos acontecem e esta não é diferente. Um grupo de pais, liderados por uma professora, se insurgiu contra a direção da escola, num movimento que culminou com a saída de 20 famílias. Ainda que tenha sido uma página cinzenta de nossa história, não podemos simplesmente varrê-la para debaixo do tapete. O questionamento central era contra o método administrativo vigente. Ignoraram o passado deste estabelecimento, os obstáculos transpostos, os esforços despendidos, o aprimoramento didático, enfim, todo esse conjunto de forças dirigidas para a conquista da qualidade de ensino que seus filhos vinham usufruindo e tiveram olhos apenas para os desacertos administrativos, segundo seu julgamento equivocado.

Esta escola não é obra de divindades; é obra de humanos e, por definição, suscetível de muitas falhas, que somente o caminhar firme e continuado pode sanar.

Deixaram a escola levando seus filhos. Uma classe ficou quase esvaziada, mas a escola teve forças para mantê-la com os alunos remanescentes, que puderam concluir o NONO ANO!

XIII

A música para mim é a mais divina das artes, razão pela qual sempre me empenhei para que ela tivesse seu lugar de honra em nossa escola, haja vista nosso Jardim contemplado com uma "Sala de Música". Desde seu início e a cada ano, a música foi sendo cultuada no Vale, da forma mais adequada a cada faixa etária.

Para nos dar um norte no caminho da música dentro da escola, recorreremos ao Prof. Marcelo S. Petraglia, uma das principais autoridades brasileiras em música, no âmbito antropológico. Nas suas passagens pelo Vale ele trouxe vivências musicais para professores e pais, ampliando conhecimentos e desenvolvendo habilidades. Coube a ele, também, a introdução dos cânticos no jardim de infância.

Com o advento do Ensino Fundamental, novos sons se fizeram ouvir no Vale Encantado. E a "Sala de Música" deixa escapar os acordes de flautas e violinos, nem sempre muito harmoniosos, porque são os primeiros passos das crianças adentrando o mundo encantado da música, mas que, aos poucos, vão adquirindo afinação e melodia. E o responsável por esse mundo à parte, é o Maestro César Pellegatti, que em 1996 se integrou ao corpo docente do Vale. Ainda jovem, mas vivendo intensamente a música, ele tem trazido, semanalmente, sua arte aos nossos alunos, que o amam como um grande amigo.

O violino é matéria curricular na 3ª Série. É gratificante ver os pequenos pupilos do Prof. César concentrados diante das partituras, de arco em punho, percorrendo as cordas do instrumento.

Hoje a escola conta com uma orquestra de câmara e um coral, que se apresentam em eventos, tanto da escola como da cidade. São frutos da dedicação e competência do incansável Prof. César.



Aula de música do primeiro ano, na sala de Música

Para nos dar um norte no caminho da música dentro da escola, recorremos ao Prof. Marcelo S. Petraglia, uma das principais autoridades brasileiras em música, no âmbito antropológico. Nas suas passagens pelo Vale ele trouxe vivências musicais para professores e pais, ampliando conhecimentos e desenvolvendo habilidades. Coube a ele, também, a introdução dos cânticos no jardim de infância.

Com o advento do Ensino Fundamental, novos sons se fizeram ouvir no Vale Encantado. E a "Sala de Música" deixa escapar os acordes de flautas e violinos, nem sempre muito harmoniosos, porque são os primeiros passos das crianças adentrando o mundo encantado da música, mas que, aos poucos, vão adquirindo afinação e melodia. E o responsável por esse mundo à parte, é o Maestro César Pellegatti, que em 1996 se integrou ao corpo docente do Vale. Ainda jovem, mas vivendo intensamente a música, ele tem trazido, semanalmente, sua arte aos nossos alunos, que o amam como um grande amigo.

O violino é matéria curricular na 3ª Série. É gratificante ver os pequenos pupilos do Prof. César concentrados diante das partituras, de arco em punho, percorrendo as cordas do instrumento.

Hoje a escola conta com uma orquestra de câmara e um coral, que se apresentam em eventos, tanto da escola como da cidade. São frutos da dedicação e competência do incansável Prof. César.



Aula de música do primeiro ano, na sala de Música



Aula de violino com o Maestro César Pellegatti



Concerto de Natal na Igreja Matriz de Capão Bonito, com o coral e orquestra da Escola, sob a regência do Maestro César Pellegatti

XIV

Em 1998, professores das escolas Waldorf de S. Paulo se articularam e fundaram a Federação das Escolas Waldorf no Brasil, ocasião em que fomos distinguidos com um convite para participarmos da Assembléia de Fundação, tornando-se nossa escola membro fundador da referida entidade.

Em 1999 a escola completava 25 anos de existência. Era, na nossa avaliação, uma marca olímpica que só iniciativas vigorosas e saudáveis conseguem atingir. Até então, ao longo desses anos todos, jamais cogitáramos de qualquer tipo de comemoração, mas, nesta data, sentimos o quanto a escola evoluíra, quanta densidade e abrangência a sua estrutura nos mostrava. Era a sinalização para uma solenidade à altura daquela data. Programou-se, então, um evento que possibilitasse uma confraternização entre alunos, ex-alunos, famílias, professores e amigos da escola.

E assim, na gelada manhã de 31 de julho de 1999, as dependências do Vale foram tomadas por um comparecimento maciço de pessoas, não só de Capão Bonito, mas também de muitas partes do Brasil, inclusive do longínquo Rio Grande do Sul.

O momento mais importante foi a solenidade do lançamento da pedra fundamental, com a presença ilustre das representantes da Federação das Escolas Waldorf no Brasil, Profa. Shigueyo Myzoguchi e Profa. Eleonore Pollklaesner. Foi anunciada, também, a mudança de nome para Escola Waldorf de Capão Bonito.

O dia transcorreu festivamente, com muitas apresentações musicais. Por todos os lados muitos reencontros e muitos abraços. Cada ex-aluno tinha uma lembrança de seus dias de criança no Vale, o perfume, o laguinho, que antes lhes parecera tão grande, as ameixeiras cujos frutos a concorrência não deixava amadurecer e que eram tão deliciosos, mesmo verdes. Uma exposição exibia os trabalhos dos alunos das diversas séries. Outra exposição de fotos antigas, emprestadas de álbuns de família, mostrava ex-alunos e os mais diversos cenários do Vale nos seus primórdios. Teve até um "cineminha". João Bloes, um ex-pai da escola, apaixonado por cinema, acompanhara com sua câmera muitos eventos do Vale. Numa feliz iniciativa, ele pinçou, entre seus filmes super-8, muitas cenas de nossa escola e editou um filme especialmente para este evento. As sessões de seu cineminha se sucederam ao longo do dia e de cada grupo que o assistia, o filme provocava um misto de emoção e risos, sempre que cada um se reconhecia na tela.

Destoando do clima, uma betoneira rodava continuamente num canto do pátio. Sua função, contudo, era muito sugestiva; ela produzia lajotas de cimento, nas quais alunos e ex-alunos deixavam a marca indelével de suas mãos e de seus prenomes, lajotas estas que hoje compõem o piso de entrada da escola.



Comemoração do 25º aniversário da Escola



Lançamento da Pedra Fundamental da Escola

XV

O dia 16 de julho de 2001 é também uma data de significado histórico para nós. Com a presença de pais, professores e amigos da Escola Waldorf de Capão Bonito, foi fundada a Vale Encantado Associados, associação sem fins lucrativos, de caráter cultural, educacional e social, tendo por finalidade trabalhar pela população de Capão Bonito, à luz da Antroposofia, além de gerir e assegurar o desenvolvimento da Escola. Hoje esta associação está registrada no Conselho Municipal do Direito da Criança e do Adolescente (CMDCA) e no Conselho Municipal de Assistência Social. No dia 7 de julho deste ano de 2004 foi declarada de utilidade pública, através da Lei Municipal nº 2.640. Sua Diretoria é constituída por pais atuais, pais de ex-alunos e amigos da escola. Esta associação, da qual sou a atual presidente, tem trazido muitos parceiros para a escola, os quais têm contribuído expressivamente para o seu desenvolvimento.

Na tentativa de sanar as finanças da escola, a associação recém-criada intensificou o programa de padrinhos para as crianças carentes, que surtiu efeito por algum tempo, mas que não se consolidou.

Ante as dificuldades que se antepunham ao bom desempenho da escola, a ação do diretor administrativo da Vale Encantado Associados, Sr. Antonio Salles do Nascimento Junior, abriu novas perspectivas. Com muita competência, autoridade e idéias inovadoras ele conseguiu equilíbrio e harmonia entre os diversos aspectos administrativos.

Um fator altamente positivo foi o diálogo que ele estabeleceu com os pais, abrindo a possibilidade àqueles com comprovada limitação financeira, de trabalharem algumas horas semanais para o Bazar, como contrapartida da mensalidade ou parte dela. Leiam este texto escrito pelo pai de Ana Beatriz, nossa aluna da 6ª série, que participa deste trabalho voluntário de contrapartida, e sintam, na sua espontaneidade, o espírito com que este projeto é encarado:

Desfiando a lã e lavando a alma

"Já tinha ouvido falar em juntar as obrigações aos prazeres e confesso que até vinha conseguindo sucesso, nas raras tentativas de fazer a junção de ambos. Mas, agora, nas noites de terça e quarta, quando vários amigos e eu nos reunimos para a rudimentar tarefa de desfiar a lã, descobri o prazer do trabalho em grupo. A lã desfiada é usada na confecção dos artesanatos produzidos pelas mãos dos pais e mães da nossa escola. O trabalho em grupo é prazeroso por algumas razões: (1) participação em uma idéia que vem dando certo; (2) aproximação maior com pessoas valorosas, espiritualmente. Juntos estamos nos conhecendo e enquanto desfiamos a lã, vamos também desfiando nosso dia-a-dia ... Notamos que temos problemas com o mesmo teor e prazeres com o mesmo sabor ... Enfim, somos todos iguais diante do Criador e temos alegrias mais intensas, pois ficamos alegres, em grupo. Chamo de "alegria" exatamente as duas horas que passamos dentro da escola, onde nossos filhos estudam, aprendem e nos enchem de orgulho! Se eles conseguem aprender, nós também podemos aprender a viver em grupo, com humildade, satisfação e prazer! Por tudo isso, digo a todos: "muito prazer em conhecê-los e vamos continuar desfiando a lã e lavando a nossa alma, com alegria de sermos úteis, no objetivo de ver nossos filhos crescerem com a alma limpa e sem momentos embaraçados e que no futuro não precisem desfiar os embaraços e nem lavar a alma!"

LUIS FRANCISCO MACHADO (FIO)

XVI

"A árvore que produz maus frutos não é boa e a árvore que produz bons frutos não é má; porque cada árvore se conhece pelo seu próprio fruto. Não se colhem figos dos espinheiros e não se cortam cachos de uvas de sobre sarças." (Lucas cap VI v 43, 44, 45)

O Ensino Fundamental da Escola Waldorf de Capão Bonito vem colhendo seus primeiros frutos desde 2002, quando seu primeiro grupo de alunos completou o nono ano e se distribuiu para os cursos colegiais de diversas outras escolas. A razão de ser de nossa escola é a formação humana desses jovens e é por isso que não os perdemos de vista quando nos deixam. Mantemos um acompanhamento informal de suas performances escolares, garimpando notícias, que vão compondo o quadro que mescla méritos pessoais com preceitos e valores adquiridos em nossa escola. E as notícias que nos chegam, falam de frutos sadios e saborosos. Há características comuns nesses ex-alunos: responsabilidade e interesse em aprender; são cordatos e educados; sabem o que querem e têm auto-determinação; a capacidade de raciocinar, diferente da comum, chama a atenção dos professores de matemática; superam com facilidade as diferenças dos métodos de ensino.

A propósito, temos alguns depoimentos, em prosa e verso, que falam bem alto dessa relação "árvore/fruto" e que transcrevemos, nesta oportunidade, em ordem alfabética dos nomes dos seus autores:

"Eu acho ótimo o método de ensino Waldorf, porque, por ser sem apostila, os alunos têm que copiar a matéria e, copiando a matéria, acabam aprendendo com facilidade. Aulas de pintura e música também são boas, pois, todo mundo deve saber desenhar pelo menos o básico, e eu acho que todos deveriam saber tocar algum instrumento. Outros idiomas, como inglês e alemão, também devem ser aprendidos por todos, pois, são línguas que predominam em quase todos os países.

Essa escola não me ensinou matérias que utilizarei na vida apenas, mas, coisas na vida, por exemplo, como fazer e cultivar grandes amizades. Essa escola não me ensinou só disciplinas, me ensinou a viver. O relacionamento entre professores e alunos era muito bom. Os professores respeitando os alunos e os alunos respeitando os professores."

Elton Keiji Okamura

"Estudar na Escola Waldorf para mim, foi uma experiência que eu guardo no coração e, tenho certeza que foi única; muito especial e maravilhosa. Encontrei na escola, não apenas pessoas que olham para dentro de si mesmas, mas uma espécie de família que ampara a cada novo aluno. Vivi muitos momentos felizes, que hoje me lembro e tenho muita saudade. Momentos em que viajamos juntos, sempre com muito companheirismo da parte dos colegas e dos professores. As aulas de pintura, trabalhos manuais, que hoje, não mais fazem parte do meu aprendizado, também me trazem muita saudade; sinto falta da música, da liberdade que isso me trazia e um bem-estar enorme dentro de mim.

O teatro que fizemos foi uma experiência inesquecível e que me fez ver que se todos se unirem como nossa classe se uniu, as coisas são capazes de acontecer."

Julia Venturelli Goulart

"Para mim, escola não é apenas uma escola onde se aprende a ler e a escrever, mas sim, onde se aprende a viver de forma agradável e feliz, onde se aprende a lutar para alcançar seus objetivos e suas metas.

Passei muito tempo no Vale; posso até dizer que passei mais tempo de minha vida lá do que em minha própria casa; afinal foram 12 anos e os melhores que já vivi.

Hoje posso dizer que tenho muitos irmãos, porque todos que passaram por lá têm um cantinho em meu coração. Tenho que agradecer em especial a uma pessoa que, sem ela, a escola não existiria, se ela não tivesse lutado pelo seu sonho, nada disso teria acontecido e não teria formado todas essas pessoas maravilhosas, obrigada Denise!!! Tudo que sou e serei devo a você que me deu essa oportunidade única. Muito obrigada mesmo."

Karen C. S. Santos

"Aprendi o verdadeiro significado da união obtida através da convivência com os colegas (dia, tarde e às vezes até noite) e trabalho em conjunto através da parte rítmica, apresentações, viagens e, principalmente, o teatro na 8ª. Série. Meus melhores momentos estão no Vale.

Aprendemos sempre através da prática, a ser mais humanos, equilibrar nossas emoções com a música, as artes, trabalhos manuais, educação ambiental e social, ferramentas que podem não ser diretamente úteis para passar no vestibular, mas são habilidades que com certeza serão úteis ao nosso futuro."

Livia Riye Okamura

"Foi na Escola Waldorf que vivi momentos inesquecíveis; o modo de aprender não era da mesma forma que em outras escolas; o fiz de uma maneira divertida e descontraída. Os alunos e professores já não eram mais alunos e professores, mas sim, uma grande família; lá fizemos muitas amizades verdadeiras; as matérias que aprendi na Escola Waldorf não foram apenas decoradas, mas sim de fato aprendidas."

Momentos inesquecíveis foram muitos, desde fazer fila e cumprimentar o professor para entrar na sala de aula, a parte rítmica, a hora do lanche, as aulas de música e alemão, as excursões, enfim, tudo ficou marcado."

Mariana Breves Nogueirol

"Lembranças de uma Infância Feliz

Girava, girava,

Girava no caracol.

Corria, corria,

Corria no gramado.

Pulava, pulava,

Pulava na gangorra.

Brincava, brincava.

Brincava com os amigos.

Não só nas aulas: Matemática,

Gramática, Química ou Física,

Aprendia a ser feliz,

E a dar felicidade.

Essa mescla de ensinamentos

Intelectuais e vitais, nos torna melhores.

Hoje não sou triste!

Mas nunca mais serei feliz

Como fui!"

Patrick Henry Machado Alves

"Como escolher os adjetivos mais apropriados a dar a esta instituição, quando existem inúmeras maneiras de se referir à sabedoria, integridade e beleza? Como definir os momentos mais especiais nesta escola, quando todas as nossas lembranças são tão preciosas e únicas?"

A Escola Waldorf estará eternamente presente em nossas memórias; podemos até usar palavras diferentes em nossas descrições, mas temos o mesmo forte elo forjado de maneira tão singular e amplamente desenvolvido por este tão querido segundo lar."

Renato de Miranda Ferreira

"Foi nesta escola onde encontrei meus melhores amigos, e também onde aprendi muitas coisas que adoro, como música, alemão, entre outras.

Este método, muitas vezes questionado, eu acho excelente.

Uma das coisas diferentes, como a "aula principal", por exemplo, só agora percebo como isso tem lógica; com este estilo de aula dá tempo de aprendermos e não decorarmos, pois, em um dia recebemos a matéria, no outro refletimos sobre o que nos foi dado anteriormente e, por fim, sabemos o conteúdo.

Suas festas e teatros sempre nos passam uma bela lição de vida e nos ensinam muito.

Os versos que recitávamos todos os dias, hoje nos ajudam a falar em público, quando necessário; os trabalhos manuais que nos permitem hoje, por exemplo, fazer a barra de uma calça se precisarmos."

Sylvia Marquart Fontes Novo

"Nessa escola eu aprendi a conviver com os outros, a respeitar e ser respeitado.

Desses quatorze anos que eu estudei no Vale, garanto que não perdi um só ano. Aproveitei-os da melhor maneira. É uma pena que tivemos que sair, mas o que eu tinha que aprender no Vale, eu aprendi. E aprendi muito com os professores e colegas também."

Wellington Aparecido de Freitas

"Na verdade, falar que a Escola Waldorf de Capão Bonito, ou melhor dizendo, "Vale Encantado", é apenas uma Escola, não está certo, pois, mais que uma Escola, foi e continua sendo um grande lar para mim. Foi lá onde conheci meus verdadeiros amigos, conheci professores que foram mais que professores, foram verdadeiros pais, que me mostraram as verdadeiras virtudes que um homem deve ter, ensinaram o que deveria ser ensinado e muito mais.

Foram tantos os bons momentos vividos nessa Escola, que nunca irei esquecer. Foi lá onde aprendi que o homem tem muitas virtudes e que a gratidão é uma de suas melhores, senão a maior, sendo assim, agradeço a essa escola por me permitir estudar por longos e maravilhosos 9 anos neste verdadeiro lar, onde aprendi coisas que irei guardar para o resto de minha vida."

Yuri Ramatis Silva Miranda

XVII

Desde sua fundação, esta escola tem-se mantido num permanente ritmo de mudanças, que a fazem evoluir em direção aos objetivos da Pedagogia Waldorf, preconizados por Rudolf Steiner: a Escola Waldorf como germe da renovação da Educação e da Vida Social.

As transformações que constatamos no seu 30º Aniversário, mostram pais, professores e mantenedores distribuídos em grupos de trabalho em função da reestruturação da escola. Concomitantemente, outro grupo faz levantamentos, pesquisas e avaliações para implantação do ensino médio na escola.

No setor de esportes, a escola tem-se mostrado fortemente competitiva nos torneios municipais das mais diversas modalidades.

Neste clima de desportividade, muitos pais mais afeitos aos desafios das competições estão se dedicando à construção de quadras no terreno da escola, para dar melhores condições de desenvolvimento do potencial dos jovens atletas.

Na sua política de incentivar os professores e pais na busca de fontes de conhecimento, a Escola Waldorf de Capão Bonito tem

participado assiduamente do Programa de Desenvolvimento Articulado das Escolas Waldorf, que desde 2001 vem sendo patrocinado pela parceria Federação das Escolas Waldorf no Brasil/Núcleo . Maturi-Ecologia Social/Associação Tobias. Acredito que este programa está conduzindo as escolas no sentido de cumprir um daqueles objetivos buscados por Rudolf Steiner, ao trazer ao mundo a pedagogia Waldorf, qual seja, "a escola como germe da renovação da vida social".

XVIII

As visitas são uma constante na vida do Vale. E os motivos são os mais diversos. Por vezes concentram seu interesse na arquitetura e no uso da madeira, outras vezes são grupos reunindo elementos para projetos escolares e educacionais, algumas vezes são os próprios capão-bonitenses que trazem suas visitas para sentir uma escola que eles definem como diferente.

É de se destacar, contudo, que algumas são realmente marcantes e que não podemos deixar de detalhar aqui.

Em razão das muitas visitas de arquitetos e profissionais da mídia, o prédio do jardim acabou repercutindo nos meios arquitetônicos, merecendo muitas matérias, em revistas brasileiras e internacionais. Entre elas, podem ser citadas: revista brasileira "Projeto", edição nº 159, de dezembro de 1992; revista portuguesa "Architècti" edição 19/20, ano V, de 1993; revista italiana "Spazio e Società", edição no. 65, de jan/mar de 1994.

Há algum tempo tivemos a honra de receber uma comitiva de 50 pessoas da Diretoria Regional de Ensino, reunindo diretores, professores, supervisores e até o Diretor Regional, com o objetivo de conhecer nossa Escola, que, segundo comentários, sempre esteve imune a depredações e pichações. Foi uma excelente oportunidade que se abriu para que pudéssemos discorrer sobre alguns aspectos da Pedagogia Waldorf, enfatizando que ela se baseia na natureza do ser humano, acompanhando "pari passu" seu desenvolvimento; figuradamente, é como remar a favor da correnteza do rio, jamais contra.

Ainda dentre as visitas de caráter educacional, algumas merecem destaque pelas relações interestaduais que se estabeleceram entre nossa Escola e núcleos de atuação social.

Uma dessas relações foi com o Estado de Santa Catarina. Luiz Antonio Bordignon, que na década de 80 residia em Capão Bonito, tornou-se um apologista da Pedagogia Waldorf, pelos resultados que sentiu em seus filhos, que freqüentaram nossa Escola. Mesmo longe de nós, residindo em Caçador, SC, ele jamais perdeu o contacto com o Vale Encantado, quer através de visitas, quer através de correspondência. Em 2003, revestido do cargo de secretário adjunto da 10ª. Secretaria de Desenvolvimento Regional de Caçador, sentiu que era o momento de influir no ensino daquela região.

Agendou conosco uma visita e, em setembro daquele ano, chegava à Capão Bonito, com uma delegação de professores, diretores, secretários municipais e membros da Gerência Regional de Educação e Inovação. Passaram alguns dias em nossa cidade, conhecendo nossa escola e algumas do Ensino Público Municipal.

Tivemos oportunidade de dialogar longamente sobre a Pedagogia Waldorf e estudar o melhor caminho para sua introdução na Regional de Caçador. Se no início o grande adepto era Bordignon, agora o grupo todo se mostrava empenhado nessa missão. Senti que todo este potencial humano precisava de uma coordenação e, como se tratava de uma região catarinense, me veio logo à mente a capital Florianópolis, onde o movimento antroposófico vinha se mostrando tão forte. Dessa forma, acabei encaminhando-os ao pedagogo social Endre P. Király, para estudos de viabilização de iniciativas pedagógicas naquela área. A notícia que temos hoje é que está programado um seminário de pedagogia Waldorf para aquela região.

Outra relação semelhante ocorreu com o Estado de Minas Gerais. A professora universitária Esther Moraes, depois de se aposentar de suas atividades didáticas na Escola de Enfermagem da USP, iniciou um trabalho voluntário na pequena cidade mineira de Guimarães. Sua atividade social foi tomando consistência e outros membros da comunidade foram se juntando a ela. Uma antiga amizade, que vem dos tempos de vestibular, sempre nos manteve em permanente contacto, cada uma sabendo das lutas da outra.

Desse intercâmbio de notícias, passamos para o lado prático, com a visita de suas companheiras de voluntariado à nossa escola, onde estagiaram em diversos setores. Desta forma, levaram para as crianças mineiras, práticas e experiências de nossa escola.

Hoje, livros da Editora Antroposófica são lidos e usados em Guimarães, num amplo trabalho com crianças carentes.

No Governo Fernando Henrique Cardoso, Capão Bonito teve grande destaque na área de educação. Primeiro, foi o grande privilégio de recebermos o Presidente da República, para o lançamento nacional do Programa Bolsa Escola.

Posteriormente, em fevereiro de 2002, Capão Bonito é escolhido, novamente, desta vez para sediar a abertura oficial do Ano Letivo, pelo Ministro da Educação, Paulo Renato Souza, nosso Prefeito, Dr. Roberto Tamura, quis que o Ministro fosse recepcionado numa escola e, para nossa honra, a Escola Waldorf de Capão Bonito foi a escolhida. Foi um dia inesquecível para nós. Prefeitos, vereadores e autoridades educacionais de toda a região tomaram as dependências do Vale Encantado, à espera do Ministro Paulo Renato Souza. O helicóptero que o trazia pousou tranqüilamente no gramado da Escola; nossos alunos o saudaram e ele, na sua simplicidade, percorreu nossa escola, ouvindo atentamente as explicações da Profa. Denise.



Flagrante da visita do Ministro da Educação Paulo Renato Souza à Escola Waldorf de Capão Bonito

XIX

Esta iniciativa, Escola Waldorf de Capão Bonito, influenciou a vida do município em alguns diferentes aspectos. Algumas crianças de nossa escola, com problemas de saúde foram encaminhadas à Clínica Tobias e a médicos antroposóficos. Depois, adultos também descobriram a Medicina Antroposófica e se beneficiaram dela. Hoje temos produtos do Laboratório Weleda sendo vendidos em duas das nossas maiores farmácias e seu uso vem se tornando popular.

Nas papelarias encontramos giz de cera de abelha, aquarela, lápis grossos coloridos, etc. materiais próprios da pedagogia Waldorf. Muitos livros da Editora Antroposófica são comprados pela Secretaria Municipal de Educação e usados pelos professores da rede pública, quer da educação infantil, quer do ensino fundamental.

Em janeiro de 2004, quando recebemos o convite para participar do seminário "Embasamento Antroposófico para o Desenvolvimento da Pedagogia Waldorf", em Avaré, fizemos a divulgação na cidade e, quando nos demos conta, havia mais de 30 inscritos.

Há 3 anos, professores do ensino fundamental da Escola Elias Jorge Daniel, da Vila Aparecida, em Capão Bonito, estão aplicando princípios da Pedagogia Waldorf nos três primeiros anos, com ótimos resultados. Esses professores estudam uma vez por semana, com professores de nossa escola.

Os brinquedos confeccionados pelos pais, para o Bazar da escola, estão se tornando conhecidos e procurados. Isto significa que as crianças do primeiro setênio estão brincando de forma mais sadia.

Um panorama mais amplo sobre outras influencias exercidas por esta iniciativa no nosso município será apresentado na segunda parte deste livro.

Segunda Parte

I

Já lhe falei do impacto que me causou a descoberta da Pedagogia Waldorf. Ainda embora esta identificação tenha resultado na fundação de uma escola, não quer dizer que minha atenção tenha se concentrado apenas no seu desenvolvimento. O Seminário de Pedagogia Waldorf, que tive oportunidade de frequentar por dois anos em São Paulo, foi de fundamental importância para mim, pessoalmente, e para o desempenho de meu trabalho. Antes da Pedagogia Waldorf fui levada ao encontro da Antroposofia por meio de um curso de Pedagogia Social, ministrado por Maria Montessori na Argentina. Também em Paris, tive oportunidade de fazer o Biográfico, nos seus diversos ângulos. A partir dessas vivências e conhecimentos, passei a desenvolver algumas atividades dentro dos princípios da Antroposofia, buscando manter que tenham o relacionamento humano, entre o ser humano em diferentes aspectos, levando-o a se perceber e a perceber o outro e estabelecer novas relações com tudo que já sabe.

Quero deixar aqui o objetivo e o propósito deste livro não é o de descobrir sobre a Pedagogia Waldorf e Social, mas sim, mostrar como é possível aplicar essas fundamentos em toda e qualquer situação de convivência humana, ainda que nas mais precárias condições.

O relato que faço, nesta segunda parte do livro, são os episódios da minha vida, onde fui capaz de aplicar os conhecimentos e experiências que adquiri, não apenas na prática pedagógica, mas também na vida pessoal. Quero aqui relatar a minha vida, não apenas a minha vida, mas a vida de todos os que estão ao meu redor, e a vida de todos os que estão ao meu redor, e a vida de todos os que estão ao meu redor.

Antes de entrar na experiência e aplicação da Pedagogia Social, quero aqui relatar a minha vida, não apenas a minha vida, mas a vida de todos os que estão ao meu redor, e a vida de todos os que estão ao meu redor, e a vida de todos os que estão ao meu redor.

I

Já lhes falei do impacto que me causou a descoberta da Pedagogia Waldorf. Muito embora esta identificação tenha resultado na fundação de uma escola, não quer dizer que minha atenção tenha se concentrado apenas no seu desenvolvimento. O Seminário de Pedagogia Waldorf, que tive oportunidade de freqüentar por dois anos em São Paulo, foi de fundamental importância para mim, pessoalmente, e para o desempenho de meu trabalho. Através da Pedagogia Waldorf fui levada ao encontro da Antroposofia e da Pedagogia Social. Participei de vários seminários nessa área, no Centro Paulus, em Parelheiros. Na Artemísia, também em Parelheiros, tive oportunidade de fazer o Biográfico, nos seus diversos ângulos. A partir dessas vivências e conhecimentos, passei a pautar todas as minhas atividades dentro dos princípios da Antroposofia, por acreditar que eles facilitam o relacionamento humano, tocam o ser humano em diferentes aspectos, levando-o a se perceber e a perceber o outro e a estabelecer novas relações com tudo que já sabe.

Quero deixar claro que o objetivo deste livro não é o de discorrer sobre as Pedagogias Waldorf e Social, mas sim, mostrar como é possível aplicar seus fundamentos em toda e qualquer situação do convívio humano, ainda que nas mais precárias condições.

O relato que faço, nesta segunda metade do livro, dos episódios em que fui parte, não pretende tomar ares de autobiografia, mas sim, deixar em cada um deles a experiência pessoal vivida e o incentivo às ações sociais, que por vezes parecem uma luta inglória, mas que valem a pena, mesmo que as conquistas sejam parciais. Haverá o momento em que tudo vai se completar, desde que haja persistência e sinceridade de propósitos.

Antes de relatar as experiências e conquistas da aplicação dos princípios das Pedagogias Waldorf e Social em diferentes âmbitos da comunidade, gostaria de situar o caro leitor na reali-

dade de Capão Bonito, conforme a encontrei ao chegar aqui em 1968, relatando também os trabalhos realizados nessa época, quando tais princípios ainda não estavam claros.

II

Ao chegar a Capão Bonito com minha família, deparei com uma cidade destituída de uma infra-estrutura que pudesse dar boas condições de conforto aos seus habitantes. Umas poucas ruas do centro eram calçadas, não havia saneamento básico e a energia elétrica era tão precária, a ponto de, em certas horas de maior demanda, não conseguir virar os motores da pequena indústria de minha família; muitas vezes só o velho telégrafo livrava a cidade do isolamento, já que o telefone nem sempre funcionava. E não era por falta de reclamar, visto que a imprensa local não se cansava de denunciar a falta do "precioso líquido" nas torneiras, os "tomatinhos", numa alusão às lâmpadas que deveriam iluminar nossas noites e os telefones que insistiam em ficar mudos. Para completar, e isto muito mais sério, havia um alto índice de mortalidade infantil e o êxodo rural era cada vez mais intenso. Essa realidade soou dentro de mim como um desafio. "Será que tem que ser assim?!"

III

Aos poucos, à medida que se formava meu círculo de amizades, fui sendo convidada para atuar na comunidade. Havia dentro de mim uma grande predisposição para esse trabalho em prol da população. Era um sentimento que eu vinha nutrindo desde que me formara em Enfermagem. Vivi 4 anos no internato da Escola de Enfermagem de São Paulo, da USP. Sendo uma universidade pública, meu curso foi inteiramente gratuito e, mais ainda, dispunha de quarto individual, banho quente, uniformes lavados, passados e engomados, alimentação balanceada e saborosa, alto nível de ensino e ampla biblioteca, profícuos estágios no Hospital das Clínicas e outras mordomias. De nossa

parte, nós alunas, retribuíamos com aplicação nos estudos e trabalho árduo nas enfermarias onde estagiávamos. Todavia, sempre senti que essa retribuição era muito modesta e óbvia. Foi assim que nasceu dentro de mim esse sentimento de gratidão por tudo que recebi e a necessidade imperiosa de devolver alhures o conhecimento adquirido. E foi com esse espírito que comecei a me envolver com a comunidade local, movida pela vontade de mudar para melhor, ainda sem dominar os instrumentos de um trabalho social.

IV

Uma das preciosidades de Capão Bonito era o Colégio Estadual Dr. Raul Venturelli. Dada a carência de professores formados em matérias específicas, era permitida a contratação de profissionais com afinidade nas disciplinas disponíveis. Foi assim que fui convidada para lecionar Biologia e Ciências Naturais nos antigos cursos ginásial e normal. Apesar do empenho da diretoria em manter bom nível de ensino, a escola não dispunha de biblioteca, que não era valorizada pelos órgãos públicos de educação. Na minha avaliação ela era imprescindível para o bom aproveitamento de meus alunos, no desenvolvimento de seus trabalhos e pesquisas. Diante desse quadro, e considerando que os alunos não poderiam esperar, não tive outra alternativa senão conseguir livros específicos que pudessem amenizar a situação. Acionei todos os meus amigos de São Paulo e os livros começaram a chegar. Como eu morava numa chácara à beira da Rodovia, instituí uma taxa-livro (que nos dias de hoje talvez chamaríamos de pedágio-livro) para os meus "fila-bóias" costumeiros, que, vindos da Capital para o interior "coincidentemente" chegavam à Capão Bonito sempre na hora do almoço. Outros amigos contataram editoras e parentes e assim fomos conseguindo expressivas contribuições. Em pouco tempo os livros foram se avolumando, surgindo a necessidade de uma organização. Em outras palavras, os livros já existiam e era preciso colocá-los em forma de biblioteca. Seguiu-se um exaustivo trabalho de recuperação e catalogação dos exemplares recebidos em doação. Essa biblioteca foi muito bem aceita pela comunidade estudantil e passou a ser um local de grande frequência, produzindo bons frutos.

V

Após meu trabalho no Colégio Estadual, fui convidada pelo provedor da Santa Casa de Misericórdia de Capão Bonito para assumir a chefia do Serviço de Enfermagem, onde permaneci por dois anos.

Já relatei anteriormente que esta experiência foi frustrante, mas a passagem por aquele hospital me abriu as portas para a Saúde Pública; fui convidada a presidir o Conselho Municipal de Saúde, o primeiro a se instalar em Capão Bonito e um dos primeiros do Estado de São Paulo. No exercício deste cargo desenvolvi trabalhos na área de educação sanitária, junto a diversos segmentos da comunidade, como açougueiros (combate à comercialização da carne de porco contaminada), lixeiros (orientação sobre cuidados com as saúdes pessoal e pública) e parteiras práticas (orientação às curiosas que atendiam a maioria das parturientes).

Com a ajuda da LBA-Legião Brasileira de Assistência, foi possível fundar clubes de mães e de gestantes, onde elas aprendiam como cuidar de seus filhos e recebiam o material para confecção do enxoval do bebê e agasalhos para os filhos mais velhos. Ainda na área de saúde, participava de programas radiofônicos sobre educação sanitária, patrocinados pelo Consórcio Municipal de Promoção Social.

Na década de 80 iniciei outra fase de trabalho, sob novos enfoques propiciados pelos seminários e cursos que participei. Continuei presente em muitas ações nas áreas de educação e saúde, atendendo solicitações de autoridades e instituições.

VI

Quando em 1983 retornei a Capão Bonito após a conclusão do seminário na Escola Rudolf Steiner apareceram novos desafios que pude enfrentar com novas ferramentas. O primeiro deles, nesta nova fase, surgiu com o convite do recém-empossado prefeito

municipal, Dr. Hélio de Souza, para introduzir a educação infantil no âmbito do ensino municipal. Numa época em que essa faixa etária não era contemplada com nenhum tipo específico de verba estadual ou federal, o prefeito, como médico, teve a percepção exata da importância do ensino pré-escolar e, corajosamente, destinou verbas municipais para sua implementação. Graças a essa predisposição do prefeito e com a participação e aprovação da população, pudemos instalar pré-escolas em muitos bairros, dando destaque ao município, pelo seu trabalho pioneiro. Cumpre lembrar que o então Governador do Estado, Franco Montoro, precursor das municipalizações, havia iniciado o processo de descentralização, que muito contribuiu para o desempenho de nossa tarefa.

Para o cumprimento da missão que nos fora confiada, partimos da estaca zero. Começamos visitando todos os espaços ociosos da municipalidade, selecionando aqueles que ofereciam alguma condição de aproveitamento. Ao cabo de um ano conseguimos transformar diversos locais em jardins de infância agradáveis, aconchegantes e estimulantes. Selecionamos e preparamos professores para o trabalho com as crianças, sob a luz da Pedagogia Waldorf. Foram formados grupos de estudo onde o ser humano era o tema central: sua imagem, sua individualidade, as fases do seu desenvolvimento, suas forças anímicas, temperamentos. Nestes mesmos encontros vivenciávamos as cores, descobrindo as suas qualidades, relacionando-as com o mundo de fora e de dentro do ser humano. Outro aspecto abordado foi o relacionamento humano e seu tripé: a Bondade, a Beleza e a Verdade.

A primeira escola inaugurada foi a Escola Municipal de Educação Infantil "Balangá", na Vila Aparecida, que na época era o bairro mais carente da cidade. Seu nome foi escolhido pela população, que se inspirou nos três balanços existentes, que não tinham folga, com as crianças se revezando num balançar alegre e incessante.

Novos espaços foram sendo conquistados e novos jardins de infância implantados. Não demorou para que a Educação Infantil repercutisse também na zona rural. Recebemos diversos abaixo-assinados e foi possível atender alguns bairros rurais onde a população se mostrou mais participativa.

Não podemos deixar escapar esta oportunidade para relatar um caso especial, ocorrido num dos mais distantes bairros da zona

rural, cujos habitantes se mostraram vivamente interessados em ter uma pré-escola para suas crianças. Com o nosso aval, eles se movimentaram. Uma avó moradora doou um terreno, os pais fizeram a terraplenagem e construíram um galpão com madeira do local e as mães ajudaram na confecção dos brinquedos, tapetes, bonecas e artesanatos. Outras moradoras se prontificaram a fazer a merenda. Tudo funcionou certinho, mas faltava uma peça-chave, a professora. Devido à distância e à dificuldade de transporte, nenhuma professora da cidade se dispôs a lecionar nesse bairro tão longínquo. Os moradores, porém, não se deram por vencidos, tal era a sua motivação. E não é que num belo dia, aparece na Secretaria da Educação um daqueles moradores, acompanhado de sua filha de 16 anos e com o entusiasmo de quem traz uma boa notícia, pediu para falar comigo. Cordialmente, recebi-os em minha sala e o pai, sem mais rodeios, foi logo dizendo que sua jovem filha estava disposta a trabalhar com as crianças da pré-escola recém-formada em seu bairro. A proposta me pareceu inaceitável e pensei, com os meus botões, numa forma de dissuadi-los sem causar constrangimentos. Comecei a conversar com a moça e indagá-la sobre seus conhecimentos no atendimento às crianças. Ao questionar como ela iniciaria seu trabalho ela me disse:

- Primeiro é preciso "desavergonhar" as crianças, pois elas são muito envergonhadas.

Perguntei como ela pretendia fazer isso. Ao que ela respondeu:

- Eu vou cantar e brincar de roda com elas. É preciso também ensiná-las a comer, pois elas não sabem.

- E como você vai fazer isso? Perguntei.

- Eu tenho que comer junto com elas para mostrar como segurar o talher.

Seguiram-se outras perguntas e, ao final da entrevista, ainda surpresa, conclui que aquela jovem sabia efetivamente lidar com as crianças, demonstrando um dom inato para esse mister. Ela já tinha dentro de si algumas ferramentas importantes para o desenvolvimento do trabalho com a criança, como a música, o ritmo, o canto e, principalmente, sabia intuitivamente da importância da imitação como força do aprendizado da criança pequena.

Para regozijo do bairro, ela foi aceita e assumiu a classe do jardim. Com o passar do tempo fiz algumas visitas de surpresa e sempre encontrei uma sala muito harmoniosa! Recentemente, num evento em Itapeva, uma cidade vizinha, tive a oportunidade de encontrá-la e fiquei sabendo que estava cursando o primeiro ano de pedagogia. Fiquei muito feliz e parabeneizei-a pelo seu esforço para progredir na carreira escolhida.

Em fins de 1986 deixei esse trabalho, certa de que algo novo já estava acontecendo com muitas crianças de Capão Bonito. Havia mais de vinte salas de jardim de infância funcionando.

Ao mesmo tempo que desenvolvia o trabalho que acabo de descrever, tive participação na organização de uma creche municipal, onde pudemos projetar os móveis e brinquedos, que foram confeccionados em São Paulo, por uma empresa especializada. Demos uma atenção especial ao berçário, objetivando o bem-estar e o conforto do bebê. De que forma? Com procedimentos relativamente simples, mas de efeito fundamental na formação do ser humano em seu primeiro ano de vida. Nesse sentido, disponibilizamos cadeiras de balanço para que a atendente pudesse dar a mamadeira aos bebês confortavelmente sentada, proporcionando um contacto humano tranqüilo, aconchegante, quase maternal; mesas em forma de meia lua, para que a atendente pudesse estar ajudando muitas crianças a se alimentar ao mesmo tempo, cada uma com sua colher. As mesas e cadeiras para atividades em geral tinham tamanhos e formas geométricas diferentes.

Adotamos brinquedos diferentes, para as diversas faixas etárias, mas, com algumas características comuns a todos eles. O que esses brinquedos tinham de especial? De acordo com a Pedagogia Waldorf, a criança precisa se relacionar com a Natureza; por isso optamos por brinquedos confeccionados com materiais naturais, como madeira, pedra, lã de carneiro, panos de algodão, feltro e seda natural. Esses brinquedos deveriam resistir à curiosidade natural da criança e ter poucos detalhes, dando margem ao desenvolvimento da imaginação e criatividade. Deveriam propiciar a imitação dos gestos maternos, com bonecas feitas a mão com tecidos de algodão e lã de carneiro, berços, fogão e utensílios domésticos.

Ao rematar este capítulo, quero registrar com muita alegria e felicidade, que todo o trabalho nele descrito está completando 21 anos ou 3 setênios. Atingiu-se a maioria na área de educação infantil municipal e o marco inicial dessa conquista foi a fundação da EMEI Balangá em 1983. Essas sementes, lançadas há tanto tempo, em terreno fértil, estão dando agora seus bons frutos. Quem atua na área educacional precisa ter a virtude da paciência porque os resultados demoram a aparecer. Não é como plantar rabanetes, que são colhidos em 15 dias. O trabalho do educador assemelha-se ao plantio de jabuticabeiras, que levam quase uma geração para dar seus primeiros e suculentos frutos.

Esses frutos configuram-se, primordialmente, pela abrangência do atendimento pré-escolar neste município e pelo interesse despertado na população adulta de Capão Bonito, especialmente pais e professores.

Comentei no capítulo XIX - 1ª. parte, a respeito da expressiva participação de nossos professores no ciclo de palestras sobre Antroposofia, na cidade de Avaré, a 200 km de Capão Bonito. Os organizadores decidiram pela continuação desse ciclo de palestras em nossa cidade, no 2º semestre de 2004, definido como "Embasamento Metodológico e Didático da Pedagogia Waldorf". Nossa população de pais e professores recebeu com entusiasmo essa medida, retribuindo com uma adesão maciça, preenchendo a quota de 100 vagas reservadas a Capão Bonito, ficando de fora uma longa fila de espera que não pôde ser atendida.

VII

Nos dias de hoje o professor conta com grande oferta de cursos, seminários e palestras, que contribuem para o seu aprimoramento. Sinto, contudo, que no relacionamento professor/aluno estamos longe de uma situação harmoniosa e cordial. Este é um tema constante, que sempre coloco em discussão nos bate-papos que costumo fazer com professores da rede pública. Procuro conduzir os estudos, enfatizando a individualidade humana e sua

imagem, as fases do seu desenvolvimento, temperamentos e como aplicar estes conhecimentos no seu dia-a-dia. Por exemplo, receber a criança na porta da sala de aula, olhando nos olhos, dando a mão e falando o seu nome, favorecem o relacionamento humano. Coerência nos gestos e nas atitudes, tom de voz e escolha das palavras usadas, desvinculação da pessoa da criança com o erro cometido, respeito ao ritmo de cada um e a aceitação do aluno como ele é, estimulam o desenvolvimento do seu potencial.

VIII

Não posso deixar de mencionar um episódio marcante, com varredores de rua; para atenuar o problema do desemprego o prefeito decidiu abrir uma frente de trabalho, distribuindo os desempregados pelas ruas da cidade, executando tarefas como varrição e limpeza geral. Fui convocada para ajudar a melhorar a auto-estima desses trabalhadores. Era um grupo heterogêneo, formado por pessoas das mais diversas idades, desde adolescentes até idosos. Estava claro para mim que essa ajuda poderia ser dada em forma de pintura com giz de cera e papel sulfite, materiais baratos e acessíveis. Divididos em dois grupos de aproximadamente 30 pessoas cada, passamos a nos reunir num galpão da Igreja São Paulo, todas as sextas-feiras à tarde, durante 3 meses. Nessas reuniões eles pintavam e desenhavam de forma livre e espontânea. Após uma hora de atividade, os trabalhos eram fixados num painel e, sentados em forma de meia lua, olhando para aquele painel, era dada oportunidade a cada pessoa de falar o que sentira enquanto pintava e o significado de sua pintura. Era quando surgiam os diálogos profundos, verdadeiros e a troca de suas vivências. A atividade era encerrada com um farto e saboroso lanche. O resultado deste trabalho foi surpreendente, não só pela beleza das pinturas feitas, mas também, pela mudança de atitudes. Despertados para o uso das mãos para tarefas tão diferentes das que estavam afeitos, a maioria retornou às escolas para se alfabetizar ou completar cursos interrompidos.

IX

Em 1994 nasceu um novo projeto no bairro Aparecidinha, um dos mais carentes e desassistidos da cidade de Capão Bonito, situado ao lado de uma lagoa de decantação de esgoto da Sabesp e vizinha de uma gigantesca linha de transmissão de energia elétrica. Um grupo de voluntários do Departamento de Assistência Social do Centro Espírita Pedro e Paulo percebeu que muitos dos moradores de lá não podiam receber os auxílios e benefícios sociais oficiais por não terem registro de nascimento. Regularizar essa situação foi o primeiro passo de um trabalho, que estabeleceu um elo de confiança entre este grupo e essa comunidade. A percepção de outros problemas, também cruciais, exigiu ações mais permanentes, que culminaram com a fundação de uma creche muito especial, formalizada através de uma entidade social sem fins lucrativos.

Nesse lugar tão inóspito e por isso mesmo o mais merecedor, instalou-se o Centro Recreativo, Educacional, Artístico Renascer - Projeto CREAR, para onde o Vale Encantado transferiu um pouco de suas vivências, desde o projeto arquitetônico até o pedagógico. A gestação dessa obra aconteceu em inúmeras reuniões de muitas pessoas interessadas, que tiveram lugar na biblioteca do Vale Encantado. Participo até hoje, como voluntária dessa obra social, exercendo atualmente a presidência que os associados me confiaram. O elo entre estas duas entidades foi se fortalecendo cada vez mais e hoje praticamos uma parceria que tem trazido muitos benefícios para aquela comunidade carente, ao mesmo tempo que reafirma a prática social em nossa escola. Atualmente recebemos 15 crianças do CREAR, distribuídas entre a 2ª e a 5ª Séries. No convívio escolar há uma completa integração de alunos de diferentes classes sociais. Pais e amigos da escola se cotizam, para assegurar àquelas crianças todo o material didático necessário, além de lanches e agasalhos. À medida que elas vão se integrando, vamos percebendo uma sensível mudança de comportamento e enriquecimento de vocabulário, dando-nos a certeza de que elas vão escrever histórias diferentes das de seus pais. Atualmente o limite de nossas possibilidades não nos permite aumentar o número de crianças assistidas. Seria necessário um aporte de novos recursos para ampliar este projeto de inclusão social.

X

Em janeiro de 1997, para atender a um pedido do prefeito eleito, Dr. Roberto Kazuchi Tamura, voltei à Prefeitura de C. Bonito, desta vez para assumir a Secretaria Municipal de Saúde, o que me obrigou a desligar-me da escola. Permaneci naquele cargo por quase três anos. Nesse período, com o apoio firme e incondicional do prefeito, pude estabelecer prioridades, de forma a facilitar o acesso da população a uma Saúde Pública de qualidade, dentro das limitações de verba e pessoal. Aquela minha obstinação por crianças fez-me dedicar atenção especial aos pequeninos e, com uma série de medidas, conseguimos baixar a mortalidade infantil.

Como em anos anteriores este município apresentava índices alarmantes, com a televisão exibindo matérias degradantes para a nossa comunidade, desta vez nos redimimos, conseguindo reduzir em cinquenta por cento a taxa de mortalidade infantil, conquista esta enaltecida em noticiários da emissora de televisão regional, do Jornal Nacional da Rede Globo e matéria especial no "Via Brasil" da Globo News, além de citação no jornal "O Estado de São Paulo".

Como conseguimos essa façanha? Muitas ações foram envidadas, beneficiando crianças e adultos, até chegar ao recém-nascido, cercado de cuidados. A primeira ação, e esta era fundamental para prosseguirmos nossa luta, foi conseguir um espaço na Santa Casa local. Era dali que poderiam emanar muitas das condições em prol da saúde pública. Com a ação decisiva do prefeito, pudemos levar à Santa Casa a ajuda municipal, destinando verbas para ajudar na sua difícil situação financeira. Uma vez permitida nossa entrada, concentramos nossos esforços para melhoria da maternidade e do berçário. Contratamos obstetras para fazer todos os partos e pediatras para receber todos os recém-nascidos e isto, 24 horas por dia.

Se o momento do parto estava sob controle, faltava o antes e o depois. Para isso foi ampliado o atendimento pré-natal, através dos agentes comunitários de saúde. No puerpério as visitas continuavam, com o objetivo de atender o binômio mãe/filho. Quero assinalar que este foi o primeiro grupo de agentes formado em Capão Bonito, cujo campo de trabalho abrangia a cidade e a

zona rural. Era obrigatório que o agente morasse no mesmo bairro onde desempenhava seu trabalho.

Dediquei uma atenção especial a este primeiro grupo, estabelecendo um programa de treinamento que enfatizava a busca do conhecimento do ser humano, através da pintura com giz de cera, discussões em grupo sobre relacionamento humano, temperamentos, biografia humana, auto-conhecimento e auto-educação, além dos conteúdos específicos de educação sanitária. Percebi que eles se fortaleceram com esse treinamento e conseguiram desenvolver o seu trabalho, mesmo sofrendo com os impactos gerados pela dura realidade que encontraram. Percebi, também, o predomínio de um clima de fraternidade, compreensão e aceitação do outro.

No encerramento do exercício de 1997, surgiu a oportunidade de Capão Bonito se candidatar a uma verba federal. Minha sugestão foi destiná-la a construção de uma casa para gestante. Estávamos no prazo final e, como eu já tinha esse projeto dentro de mim há muito tempo, foi fácil colocá-lo no papel e enviá-lo para Brasília. Em meados do ano seguinte, nosso prefeito assinava, na Capital Federal, o convênio para sua construção. O leitor deve estar se perguntando como é esse negócio de já ter o projeto na cabeça. Para explicar, me reporto ao início da década de 70, quando trabalhei na Santa Casa. Naquela época pude sentir o drama da parturiente da zona rural, que chegava ao hospital, não podia ficar porque ainda não era hora do parto, voltava para a zona rural e nem sempre conseguia retornar na hora certa, ou porque chovia e as estradas ficavam intransitáveis, ou porque não havia condução e, muitas vezes, porque não dava tempo mesmo. Não eram raros os casos em que essa situação resultava na morte da mãe e do filho. Por essa razão não titubeei quando recebi de bandeja a oportunidade de concretizar a tão sonhada Casa da Gestante.

Numa reunião de secretariado, o Prefeito Tamura anunciou que o Governador Mário Covas pretendia dar um presente à Capão Bonito e convocou os secretários a apresentar projetos para seleção. Mais uma vez vi bater à porta uma rara oportunidade para pôr em marcha um outro projeto de grande alcance social, do qual eu participara com outros membros da comunidade, no ano anterior. Foi um movimento de psicólogos e outros profissionais de saúde, que se uniram no sentido de encaminhar uma solução

para o problema da saúde mental na comunidade. Desse movimento resultou um projeto para construção de uma unidade que pudesse atender os pacientes de forma mais humana, já que naquela época os centros de saúde recebiam todos os tipos de doentes em um mesmo local. Não tive dúvidas em me candidatar, contando com aquele projeto, que já fora pensado por muitos profissionais competentes. Esse projeto foi o escolhido e seguiu os devidos canais, tendo sido aprovado em todas as instâncias, estando apto para se constituir no prometido presente do Governador. Com a verba garantida, uma professora universitária de enfermagem, Esther Moraes, integrante daquele grupo de estudos, doou dois lotes que possuía na Avenida Salvador Nicácio Mendes, que corta um bairro nobre da cidade, com a finalidade específica de receber a construção destinada à Saúde Mental, que foi denominada "Projeto Ciranda - Oficinas Terapêuticas". Dessa forma foi possível a construção de um prédio de arquitetura funcional, amplo, de aparência amistosa, com dependências agradáveis, sem deixar transparecer que ali é um ambulatório de saúde mental.

Luiz de Freitas Saccu

Encerramento

A Pedagogia Waldorf, razão de ser desta narrativa, é apenas um dos ramos frondosos da gigantesca árvore que é a Antroposofia, trazida ao mundo por Rudolf Steiner no início do século passado. Vivo na esperança de que ela se propague pelo Brasil e pelo mundo, disseminando a fraternidade no campo econômico, assegurando a liberdade no campo das idéias e a prevalência da igualdade no contexto jurídico-social.

Que no PENSAR haja interesse ativo pelo outro!
Que no SENTIR haja aceitação do outro como ele é!
Que no QUERER haja responsabilidade pelas necessidades do outro!

A Escola Waldorf de Capão Bonito tem um passado rico em acontecimentos. Foram 30 anos de muita ação, muito dinamismo, muita luta. A cada ano novos parceiros surgem, unindo esforços para novas conquistas. Por essa razão, o Vale Encantado permite que sua história seja contada através das mais variadas interpretações.

Na minha ótica e exclusivamente sob o meu ponto de vista, esta é a história do Vale, tal como eu a vivi e senti intensamente nestas três décadas. Esta versão não pretende ser a única e tampouco esgota o manancial das múltiplas faces do Vale, fonte de infinitas inspirações.

Agradeço a sua paciência, caro leitor, por ter chegado até aqui!

Izabel de Freitas Sacco

Logo do Vale Encantado, Waldorf de Capão Bonito

ENCERRAMENTO

A Pedagogia Waldorf, mais do que uma narrativa, é apenas um dos ramos frondosos da gigantesca árvore que é a Antroposofia, criada no mundo por Rudolf Steiner no início do século passado. Vivo na esperança de que ela se propague pelo Brasil e pelo mundo, disseminando a fraternidade no campo econômico, assegurando a liberdade no campo das idéias e a prevalência da igualdade no contexto jurídico-social.

Que no PENSAR haja interesse ativo pelo outro!
Que no SENTIR haja escuta do outro como ele é!
Que no QUERER haja responsabilidade pelas necessidades do outro!

A Escola Waldorf de Capão Bonito tem um passado rico em acontecimentos. Foram 50 anos de muita ação, muito dinamismo, muita luta. A cada ano novos desafios surgem, unindo esforços para novas conquistas. Por esse razão, o Vale Encantado permite que sua história seja contada através das mais variadas interpretações.

Na minha obra e especialmente sob o meu ponto de vista, esta é a história do Vale, tal como eu a vivi e senti intimamente nestes três decênios. Esta versão não pretende ser a única e tampouco esgota o monumental das múltiplas faces do Vale, fonte de infinitas interpretações.

Agradeço a todos que participaram, com lealdade, por ter chegado até aqui.

Isabel de Freitas Zacco

Papel produzido pela Votorantim Celulose e Papel
com eucalipto de floresta plantada
na região de Capão Bonito.

Em sua terra natal, Capão Bonito, para onde voltou em 1968, dividiu-se entre a saúde e a educação. Presidiu diversas entidades, como Conselho Municipal de Saúde, Conselho Municipal de Assistência Social, Casa de Cultura Gameleira, Núcleo de Voluntários/LBA, Projeto CREAM, entre outros.

Participou de dois governos municipais, atuando como Diretora da Divisão de Educação Infantil e Secretária de Saúde.

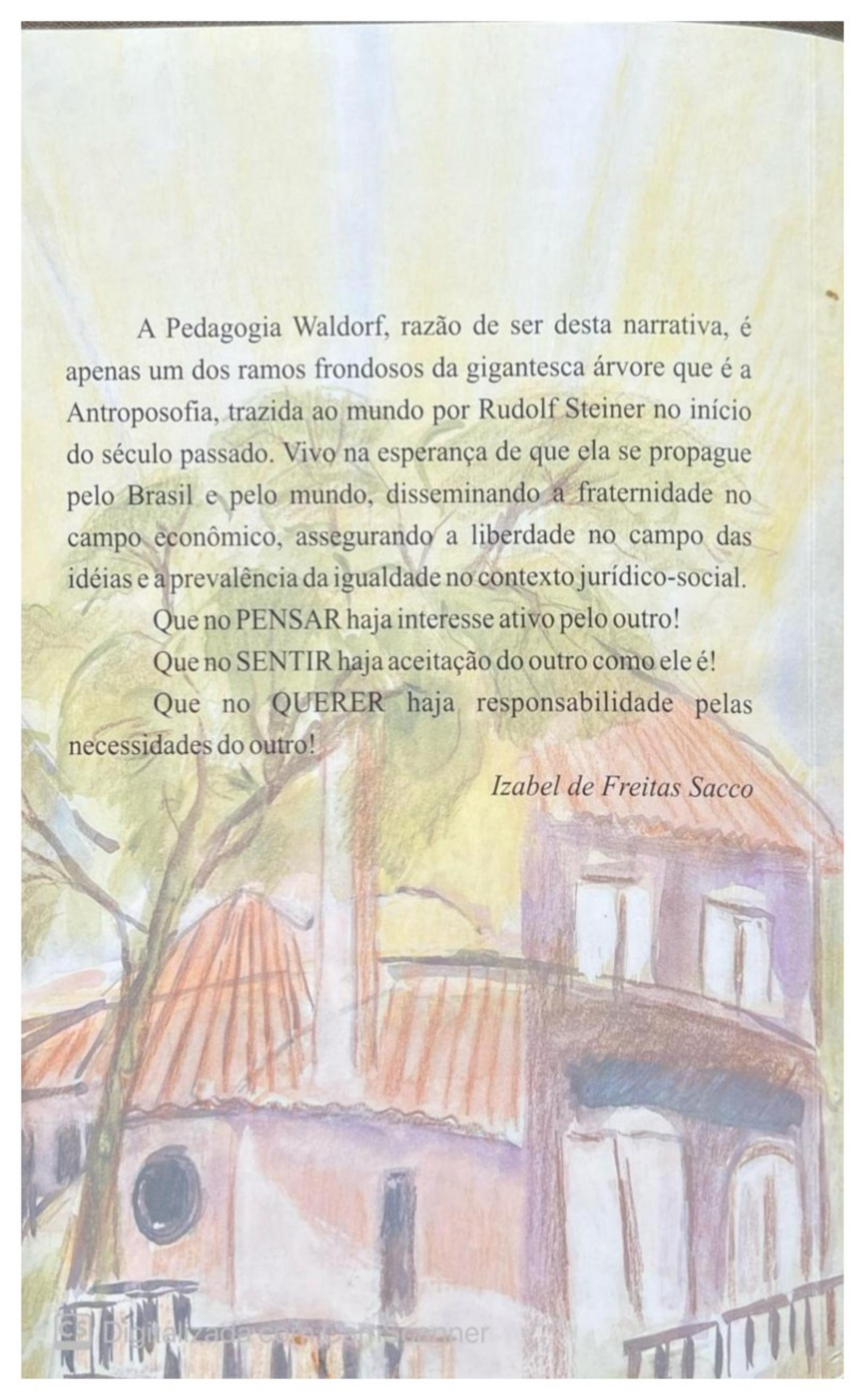
No âmbito da ANTROPOSOFIA, cursou por dois anos o Seminário de Pedagogia Waldorf, da Escola Rudolf Steiner de São Paulo. Frequentou diversos seminários de Pedagogia Social no Centro Paulus, e seminários biográficos na Artemísia, em Parelheiros.

Foi co-fundadora do primeiro jardim de infância Waldorf a se instalar no interior do Brasil. Sua atuação nesta escola, nestes 30 anos, acontece de forma permanente e voluntária.

Tem proferido palestras, de forma constante e rotineira, tanto no município como no âmbito regional, para profissionais nas áreas de saúde e educação.

Em 8 de março de 2004, Dia Internacional da Mulher, foi eleita pela comunidade capão-bonitense a "Mulher do Ano".

Contato com a autora, e-mail:
izabel@preservam.com.br



A Pedagógia Waldorf, razão de ser desta narrativa, é apenas um dos ramos frondosos da gigantesca árvore que é a Antroposofia, trazida ao mundo por Rudolf Steiner no início do século passado. Vivo na esperança de que ela se propague pelo Brasil e pelo mundo, disseminando a fraternidade no campo econômico, assegurando a liberdade no campo das idéias e a prevalência da igualdade no contexto jurídico-social.

Que no PENSAR haja interesse ativo pelo outro!

Que no SENTIR haja aceitação do outro como ele é!

Que no QUERER haja responsabilidade pelas necessidades do outro!

Izabel de Freitas Sacco